

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS**

ANA ISABEL ELTZ DORNELLES

**“NÃO SOU MAIS QUEM EU ERA”:
O diálogo construído na construção da identidade em narrativas de uma
pessoa com Doença de Alzheimer**

**São Leopoldo
2021**

ANA ISABEL ELTZ DORNELLES

“NÃO SOU MAIS QUEM EU ERA”:

**O diálogo construído na construção da identidade em narrativas de uma
pessoa com a Doença de Alzheimer**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras
Português-Inglês, pelo Curso de Letras da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientador: Prof. Dr. Caio Cesar Costa Ribeiro Mira

São Leopoldo

2021

Dedico este trabalho ao meu avô Clóvis, por ter contado todas as suas maravilhosas e engraçadas histórias. Gostaria que tu estivesses aqui, mas tenho certeza de que, aí do céu, tu estás vendo as minhas histórias acontecendo também.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado força e luz em momentos dificuldades. Da mesma maneira, a minha família, em especial minha avó Marlene, meu avô Clóvis e minha mãe Patrícia por toda a ajuda ao longo dessa trajetória. À tia Letícia pela oportunidade. Também, ao meu namorado Lucas por me acolher e me aguentar durante a graduação, sempre mantendo a calma que eu tanto preciso. Ao meu gato Tobias por me fazer companhia e me dar muito carinho nos momentos solitários. Aos meus colegas e amigos, em especial Gabriela e Bruna, por terem sido revisoras, confidentes e fonte de risadas sem fim. Amo todos vocês!

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Caio Mira pela oportunidade de participar e aprender tanto durante a Iniciação Científica. Agradeço, da mesma forma, a todos os professores que tive ao longo da graduação, com destaque à Sabrina Vier, Anderson Carnin, Vera Mello, Maria Helena Albé e Adila Naud. Em diversos momentos, senti-me em suas companhias, lembrando-me das aulas e dos conselhos recebidos durante o curso. Vocês fizeram com que eu compreendesse o que é ser linguista e professora. Meu muito obrigada!

Agradeço ao Grupo de Pesquisa NIL por todas as trocas e contribuições, em especial à minha colega Katiúscia por ter me ajudado ao longo de todo o processo da iniciação científica. Transcrever suas risadas foi um prazer!

Deixo meu agradecimento, por fim, à Joana por ter participado da pesquisa e compartilhado suas narrativas. Mesmo que não nos conheçamos, a senhora foi fonte de inspiração e reflexão com suas palavras sábias e cultura imensa. Muito obrigada!

“Você não conta uma história apenas para si mesma.

Sempre existe alguma outra pessoa.”

Margarete Atwood

RESUMO

O envelhecimento da população é uma realidade que tem gerado preocupação em diversos âmbitos. Por demandarem cuidados específicos, os idosos são um grupo de atenção na área da saúde. Dentre as patologias cujo fator agravante é a idade, encontra-se a Doença de Alzheimer (DA). Em recentes estudos (BATEMAN; MC MADE, 2017), estimou-se que, até 2030, uma em cada três pessoas com mais de oitenta anos terá desenvolvido a DA. Apesar desse prognóstico, ainda são indefinidas suas causas e possíveis tratamentos. Dessa forma, fica claro o quão importante é voltar a atenção para como esses indivíduos interagem com o mundo social que os cerca. Nesse contexto, a presente monografia apresenta um estudo de cunho qualitativo interpretativista no qual foram analisadas narrativas que emergiram em entrevistas com uma participante portadora da DA. Tais entrevistas narrativas, posteriormente transcritas, foram feitas pelo Grupo NIL (Narrativa Interação e Linguagem). O trabalho baseia-se na concepção de que as narrativas são uma co-construção entre os interagentes, refletindo e desenvolvendo significados e identidades (FREITAS, 2017; BASTOS; ANDRADE, 2015; FLANERRY, 2015). Dentro dessas narrativas e do processo de construção identitária, o estudo voltou-se para os usos do diálogo construído, conforme proposta de Tannen (2007). Objetivou-se, assim, compreender de que maneira a participante utilizou o diálogo construído como forma de construção identitária em suas narrativas. Para tanto, foi feita uma busca por ocorrências do uso desse recurso linguístico, sua classificação conforme a autora anteriormente citada descreve e uma análise dentro da interação. Os resultados mostraram que há indícios de uso do diálogo construído como forma de expressar pensamentos complexos, bem como de validação de características e argumentos. Percebeu-se que, apesar das dificuldades causadas pela DA, a participante foi capaz de se manter ativa nas interações, utilizando recursos linguísticos. Nas interações analisadas, também ficou claro como o pesquisador tem um papel relevante nas interações promovendo as narrativas e auxiliando na construção de sentido.

Palavras-chave: Doença de Alzheimer. Diálogo Construído. Narrativas. Identidade. Interação.

ABSTRACT

The population's aging is a reality that has creating preoccupation in different scopes. Because they demand specific care, the elderly are an attention group on the Health Area. Between the pathologies whose aggravating factor is the age, lies the Alzheimer's Disease (DA). In recent studies (BATEMAN; MC MADE, 2017), it was estimated that, until 2030, one in each three people eighty years old or more will have developed the DA. Although this prognosis, it's causes, and treatments are still undefined. Therefore, it is clear how important is to turn the attention to the way those individuals interact with the social world that surrounds them. In this context, this monography presents an interpretative qualitative study in which narratives that emerged in interviews with a participant with the DA were analyzed. Those narrative interviews, posteriorly transcribed, were conducted by the Group NIL (Narrative Interaction and Language). The study is based on the conception that narratives are a co-construction between the interactors, reflecting and developing meanings and identities (FREITAS, 2017; BASTOS; ANDRADE, 2015; FLANERRY, 2015). Inside those narratives and the process of identity construction, the study focused on the uses of the constructed dialogue, according to the proposition of Tannen (2007). This way, it was aimed to comprehend the ways the participant used the constructed dialogue to construct identity on her narratives. To do so, it was done a search for cases when this linguistic resource was used, its classification according to how the author previously mentioned describes, and an analysis in the interaction. The results have shown that there are evidence of the usage of constructed dialogue as a way to express complex thinking, as well as validation of characteristics and arguments. It was noticed that, although the difficulties caused by the DA, the participant was able to keep active in the interactions, using linguistic resources. In the analysed narratives, it was also clear how the reasearcher has a relevant role in the interactions, promoting the narratives and helping in the construction of meaning.

Keywords: Alzheimer's Disease. Constructed Dialogue. Narratives. Identity. Interaction.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Custo Estimado Global	17
Figura 2 - O impacto global da demência.....	18

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tipos de diálogo construído	33
--	----

LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 - "As cartas não mentem."	41
Excerto 2 – “Eu comecei a me lembrar de tantas coisas.”	43
Excerto 3 - "Eu tava pensando muito na minha vida."	44
Excerto 4 – “O que passou na minha vida que eu perdi.”	45
Excerto 5 - "Não sou mais quem eu era".....	46
Excerto 6 - "Tri puxado".....	48
Excerto 7 - "Como é que foi?"	49
Excerto 8 - "Vou me virar"	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DOENÇA DE ALZHEIMER	14
3 NARRATIVAS.....	20
4 DIÁLOGO CONSTRUÍDO.....	30
5 METODOLOGIA	35
5.1 Contexto da pesquisa	37
5.2 Participante.....	39
6 “NÃO SOU MAIS QUEM EU ERA”	41
7 “EU SEMPRE FIQUEI NO INGLÊS”	48
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	59
ANEXO 2 – CONVENÇÕES DA TRANSCRIÇÃO.....	60

1 INTRODUÇÃO

Por muito tempo tratada como apenas mais um sintoma do envelhecimento, a Doença de Alzheimer (DA) ainda é um assunto difícil de ser abordado tanto na sociedade quanto na ciência. São muitas dúvidas que permeiam essa neuropatia e, apesar dos prognósticos alarmantes, seu tratamento e cura ainda são incertos. Logo, pacientes ficam, por vezes, deslocados da vida em sociedade, deixados de lado nas interações por muitos acreditarem que suas falas não seguem uma ordem lógica.

Nesse contexto, o presente trabalho busca investigar de que maneira os portadores da DA usam recursos linguísticos para interagir. A pesquisa realizada é um desdobramento de um projeto maior do Grupo NIL (Narrativa, Interação e Linguagem), coordenado pelo Prof. Dr. Caio Mira. Nela, foram analisadas duas interações com uma participante nomeada Joana, para fins de manter sua identidade anônima.

Os dados foram gerados em entrevistas abertas sem tópico pré-definido entre pesquisadores e participante. Vale ressaltar que a abordagem da entrevista narrativa compreende esse tipo de interação como um evento social em que interagentes co-constroem os sentidos. Assim, conforme explicam Bastos e Santos (2013), tanto o papel do entrevistado quanto do entrevistador são repensados de forma que o primeiro não apenas responde às perguntas do segundo, que, por sua vez, as ouve de maneira passiva.

Nessas interações, emergem narrativas que são compreendidas aqui pelo viés Sociolinguístico interacional. Ou seja, assume-se que narrar é uma forma de agir no mundo, construindo identidade e sentido na sociedade. Bastos e Biar (2015) explicam que é através das narrativas que os indivíduos organizam suas experiências de vida, construindo sentidos. Flannery (2015) acrescenta o caráter colaborativo das narrativas analisadas nessa perspectiva ao afirmar que esse é um processo colaborativo em que os interagentes negociam sentidos a fim de atingirem seus objetivos interacionais.

No narrar, diversos recursos linguísticos são acionados. Dentre eles, optou-se por analisar o uso do diálogo construído. A perspectiva adotada foi a apresentada por Tannen (2007) que defende que o anteriormente conhecido como discurso reportado, na verdade, é um recurso linguístico que se presta a funções muito mais amplas do que a simples reprodução de falas ditas anteriormente. A autora propõe uma

classificação dos usos do diálogo construído, apresentando dez diferentes casos em que o uso da fala de outrem em uma narrativa se presta a diferentes objetivos interacionais.

Mais especificamente, analisa-se de que maneira o diálogo construído é utilizado nas narrativas como uma forma de construção identitária da participante. Em relação a essa questão, compreendemos identidade sob a perspectiva de Goffman (2020) e Gumperz (2020). Nesse sentido, as identidades de um indivíduo também são fruto da interação, sendo co-construídas levando em consideração a situação de comunicação. Assim, dependendo de quem são os interagentes uma identidade pode se sobressair na interação.

Dessa forma, o objetivo geral da presente monografia é descrever e analisar, conforme a descrição proposta por Tannen (2007), ocorrências do diálogo construído em interações de uma pessoa com a Doença de Alzheimer a fim de compreender de que forma a participante usa esse recurso linguístico para construir suas identidades e se manter ativa na interação. O estudo busca, nesse sentido, responder à seguinte pergunta: como uma pessoa com a Doença de Alzheimer usa o diálogo construído em suas narrativas para construir sua identidade? Para responder a essa questão, foram traçados os seguintes objetivos:

- a) identificar ocorrências do diálogo construído em narrativas da participante;
- b) classificar tais ocorrências conforme a tipologia de Tannen (2007);
- c) analisar o papel dessas ocorrências nas narrativas no processo de construção identitária.

A justificativa desse trabalho está amparada em dois fatores. Primeiramente, acredita-se que, frente ao prognóstico de que até 2030 uma em cada três pessoas com mais de oitenta anos terá desenvolvido a Doença de Alzheimer, é de suma importância que sejam feitas pesquisas a respeito de como esses indivíduos constroem suas narrativas e identidades no mundo. Além disso, a compreensão das estratégias linguísticas mobilizadas na interação pode evidenciar como, no cenário de perdas linguístico-cognitivas as pessoas conseguem manter suas vozes ativas nas interações. Não é mais possível mantê-los às margens da vida em sociedade, sendo classificados como incapazes de interagir. Especialmente porque, muitas vezes, suas

histórias são marcadas de elementos que constroem os significados do mundo social em que estamos inseridos.

Esta monografia está organizada em sete capítulos. No capítulo dois, é traçado um panorama da Doença de Alzheimer, sintomas, causas e impactos tanto no âmbito global quanto individual. No três, apresenta-se o campo de estudos da narrativa oral, desde suas origens com os estudos labovianos, até a perspectiva sociolinguística interacional, abarcando concepções como a co-construção da narrativa, o papel dos interlocutores, a construção da identidade por meio da narrativa. No quatro, traz-se a discussão terminológica em torno dos conceitos de discurso reportado e diálogo construído, sendo esta a abordagem adotada no presente trabalho por meio da classificação proposta por Tannen (2007). No cinco, é apresentada a metodologia de pesquisa utilizada, bem como a contextualização da participante. No seis e sete, são feitas duas análises de dados nas quais investiga-se de que forma a participante usa o diálogo construído em suas narrativas na construção de identidades na interação. Por fim, no capítulo oito, dedica-se às considerações finais a respeito dos dados analisados, apontando as descobertas e a importância da pesquisa tanto para a área da análise da Narrativa quanto para os estudos a cerca dos impactos da Doença de Alzheimer na interação. Ainda, são apresentadas as possibilidades de estudos futuros identificadas ao longo do estudo.

2 DOENÇA DE ALZHEIMER

A Doença de Alzheimer (doravante DA) consiste em uma patologia neurodegenerativa causada pelo acúmulo de fragmentos da proteína *beta-amiloide* e da forma desadornada da presença proteína *tau* nos neurônios. O desequilíbrio dessas proteínas no cérebro implica em consequências neurológicas graves, tais como a perda de sinapses nervosas e morte de neurônios. Essas alterações também podem gerar inflamações e atrofia, afetando ainda mais o funcionamento do sistema nervoso (ALZHEIMER'S ASSOCIATION REPORT, 2018). Barros et. al. (2009) sintetizam tais os danos ao cérebro a partir da seguinte definição:

uma patologia neurodegenerativa progressiva e irreversível, de aparecimento insidioso, que acarreta perda da memória e diversos distúrbios cognitivos. É caracterizada por um progressivo declínio da memória, do raciocínio, da compreensão, da capacidade de realizar cálculos, da linguagem, da capacidade de aprendizagem e de julgamento que acabam por impedir o afetado de realizar sem auxílio as suas atividades diárias. (p. 17).

Os motivos pelos quais essa acumulação ocorre ainda são incertos. Apesar de existir uma comprovação de que a genética é um fator de risco, sabe-se que esse aspecto corresponde a aproximadamente 1% dos casos (MC DADE; BATEMAN, 2017). Assim, conforme o relatório de 2018 da Associação do Alzheimer, instituição estadunidense que acompanha dados da doença dentro e fora dos Estados Unidos, hoje os cientistas concordam que o “Alzheimer, como outras doenças crônicas comuns, é desenvolvida pelo resultado de fatores múltiplos, mais do que por conta de uma só causa.”¹ (ALZHEIMER'S ASSOCIATION REPORT, 2018, p. 373). Logo, o que se sabe são os fatores de risco que levam a essa doença como a idade avançada, histórico familiar, doenças cardiovasculares, nível educacional, traumatismo craniano e casos de comprometimento cognitivo leve (ALZHEIMER'S ASSOCIATION REPORT, 2018).

Custódio (2018) complementa a questão a partir dos estudos de Schindwein-Zanini (2010). Conforme explica a autora, por conta das possíveis origens da doença, seu “diagnóstico é proveniente do conhecimento de diferentes manifestações clínicas e de uma sequência de exames complementares” (p. 48). Porém, a conclusão definitiva, só acontece através de um exame histológico no cérebro *post-mortem*.

¹ “Alzheimer's, like other common chronic diseases, develops as a result of multiple factors rather than a single cause.” (tradução nossa)

Dessa forma, o que se faz para identificar a doença e promover o tratamento, é uma série de “testes que avaliam a capacidade cognitiva apresentada pela pessoa e pela exclusão de outras demências” (CUSTÓDIO, 2018, p. 48).

Por afetar a área cognitiva, os impactos da doença são múltiplos. A vida da pessoa acometida é transformada, pois são necessárias muitas adaptações para melhorar a qualidade de vida dos acometidos. Custódio (2018) destaca também que os impactos do diagnóstico da doença afetam não só o paciente, como também toda a família pois, como se trata de uma doença progressiva e degenerativa, “sabe-se que a pessoa diagnosticada eventualmente necessitará de apoio constante nas atividades diárias, já em estágios mais iniciais.” (p. 48).

Além da descrição da patologia e de suas causas, o relatório de 2018 feito pela Associação do Alzheimer aponta os principais sintomas dessa doença. São eles: perdas de memória que afetam a rotina; desafios em planejamento e solução de problemas; dificuldade de realização de tarefas cotidianas; confusão temporal e espacial; dificuldade em entender imagens e espaço; dificuldade de fala e escrita; colocação de objetos em lugares fora do usual; dificuldade de refazer passos; se afastar de interações sociais; mudanças de humor e temperamento. Como também afeta a parte motora, os idosos acometidos tem dificuldades em atividades cotidianas como cozinhar ou limpar a casa, bem como em manter sua higiene pessoal, necessitando de auxílio também nessas questões. (ZIDAN et al., 2012).

Quanto aos impactos do Alzheimer na linguagem, Morato (2010) cita como principais pontos a dificuldade de nomear (objetos, sensações e emoções), o uso excessivo de repetições e de dêiticos. Como explicam Huff, Corkin e Growdon (1998), também ocorrem complicações no processamento semântico e sintático. Nessa perspectiva, Custódio (2018) destaca que as pessoas acometidas têm problemas em “compreender enunciados sintaticamente mais elaborados ou complexos” (p. 49).

Diante dessas questões, é possível observar que, além da saúde, a DA também afeta a vida social dos acometidos. Nesse sentido, Mira e Custódio (2019) enfatizam que:

O contexto de declínios que envolve a DA afeta não somente questões relacionadas à saúde, mas a vida social do indivíduo em um âmbito maior, incluindo a sua participação social, impactando na compreensão que as pessoas não acometidas têm sobre a doença e como interagem com as pessoas acometidas. (p. 1984).

A partir dessa descrição, percebe-se o quanto a DA transforma a vida das pessoas acometidas e as suas famílias. Porém, quando se faz uma análise mais ampla, compreende-se que toda a sociedade é impactada pela doença, uma vez que, se associarmos o fenômeno global de envelhecimento da população, com os números crescentes de diagnósticos de tal patologia, fica claro que precisa-se de um movimento amplo de estudos na área a fim de que seja possível tratar os casos e diminuí-los a longo prazo.

Em um estudo feito em 2019, por Gao *et al.*, foi realizada uma análise da incidência da DA ao longo do tempo, através da coletânea de diferentes trabalhos feitos ao redor do mundo. Os dados revelaram uma triste situação. Ainda que, de maneira geral, tenham diminuído os casos de demência, principalmente por conta de uma melhora na qualidade de vida da população idosa, as ocorrências de Alzheimer fizeram o movimento contrário. De acordo com os pesquisadores, tal indicador pode representar que, possivelmente, a doença seja majoritariamente causada por problemas cardiovasculares, logo, de difícil reversão. Porém, essa conclusão não é definitiva, pois existe a teoria de que o aumento nos números também pode ter sido corroborado por uma melhora nas técnicas usadas no diagnóstico.

Outro ponto levantado pelo estudo é a questão de que, apesar dos avanços no processo de identificação da doença, “nenhum tratamento ou prevenção efetiva contra a AD foi identificada”² (GAO *et al.*, 2019, p. 1366, tradução nossa). Essa mesma questão é levantada pelo artigo publicado em 2017 pela revista Nature, em que os autores McMade e Bateman reforçam o quanto a prevenção é o fator chave para a diminuição dos casos.

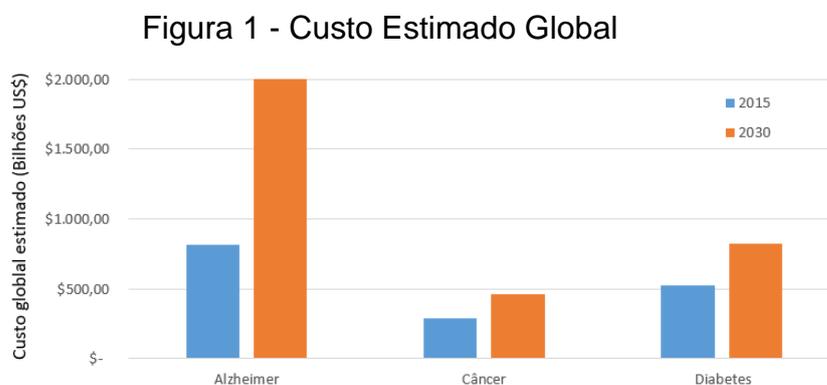
Na referida pesquisa, são trazidos dados alarmantes quanto ao prognóstico da incidência da DA. Os autores destacam que, se continuarmos sem um tratamento efetivo, “aproximadamente uma em cada 2-3 pessoas com mais de 85 anos terá Alzheimer”³ (MCMADE; BATEMAN, 2017, p. 153), o que corresponde a mais de 70 milhões de pessoas acometidas ao redor do mundo até 2030 (MCMADE; BATEMAN, 2017).

Como forma de evidenciar a necessidade da busca de um tratamento que realmente mude tal cenário, os autores trazem também os impactos econômicos que

² “[...] no effective treatment or prevention for AD has been identified.” (tradução nossa)

³ “[...] nearly one in every 2-3 people over 85 will have Alzheimer’s.” (tradução nossa)

a doença tem na economia, comparando os gastos despendidos entre essa patologia, o câncer e o diabetes (outras condições que, além de afetarem grandes parcelas da população mundial, também geram custos grandes aos Estados). Os dados podem ser observados no gráfico abaixo, adaptado do original:

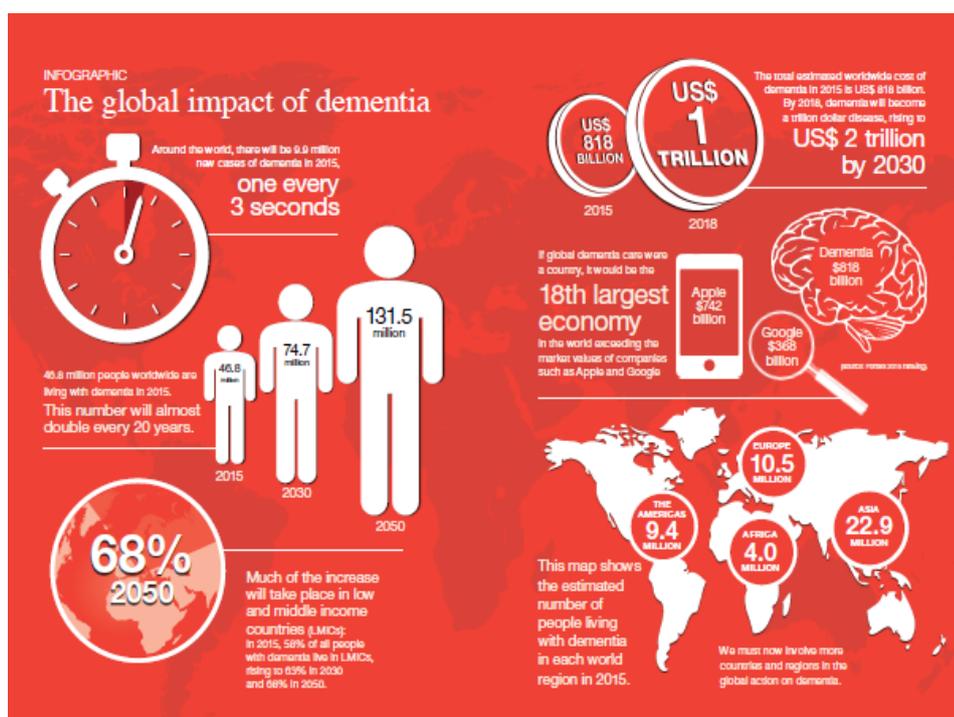


Fonte: Elaboração própria, adaptado de Mcmade; Bateman (2017).

Com base, então, nessas comparações, percebe-se que, ainda que o câncer e o diabetes também não tenham uma cura, por possuírem tratamentos mais consolidados, terão seus custos não tão acentuados futuramente, principalmente se comparados com o crescimento exponencial dos gastos com a DA.

O mesmo cenário alarmante é apresentado pelo relatório publicado em 2015 pela instituição Alzheimer's Disease International. Nesse documento, o enfoque não é especificamente o Alzheimer, mas as demências de uma maneira geral. Porém, a partir dele, é possível termos um panorama global de como as doenças neurodegenerativas têm crescido exponencialmente ao redor do globo. Por se tratar de um documento bastante aprofundado, em sua introdução, faz-se uma síntese dos dados através do seguinte infográfico:

Figura 2 - O impacto global da demência



Fonte: Alzheimer's Disease International, 2015, p. 4.

O infográfico destaca alguns pontos importantes sobre a DA. Primeiro, o cenário atual em que, a cada 3 segundos, uma pessoa é diagnosticada com algum tipo de demência no mundo, totalizando, aproximadamente, 46.8 milhões de indivíduos ao redor do mundo todo, conforme o mapa no canto direito do infográfico. Em segundo lugar, destacamos a informação trazida referente ao prognóstico da incidência. Segundo os estudos feitos pela associação, o número de acometidos, se continuarmos nessa mesma linha de desenvolvimento, “irá quase dobrar a cada 20 anos” (ALZHEIMER'S DISEASE INTERNATIONAL, 2015, p. 4). Ou seja, estima-se que, no ano de 2050, 131.5 milhões de pessoas terão desenvolvido algum tipo de demência.

Frente a esse panorama, pode-se perceber o quanto a Doença de Alzheimer tem impactos em diferentes âmbitos, desde a vida privada das pessoas acometidas e suas famílias até em uma escala mundial, em termos dos impactos econômicos gerados pelos gastos com tratamento e cuidados. Para muitos, essa realidade pode parecer distante, porém, conforme pontuam McDade e Bateman (2017), mesmo os que não desenvolverem a patologia, terão amigos ou familiares afetados com quem terão que interagir.

Logo, é de suma importância compreender e dar voz às pessoas acometidas pela patologia, pois são pessoas que atuam em práticas sociais, construindo/exibindo suas identidades e contando histórias como forma de ação no mundo. Frente aos prognósticos de aumento no número de pessoas acometidas e a necessidade de cuidados e compreensão das formas que elas interagem no mundo, não é possível que se continue ignorando suas existências, mantendo-os na margem da sociedade, como indivíduos desprovidos de capacidade de comunicação e condenados a papéis passivos de interação. Além de ouvintes, essas pessoas também são contadoras de histórias, narradoras de eventos que reconstroem o passado e fundamentam o presente.

3 NARRATIVAS

Diariamente, nas interações, tem-se contato com narrativas orais. Desde os primórdios, contar histórias tem contribuído para a formação do mundo social. Conforme explicam Bastos e Biar (2015), “o mundo social se forma à medida que as pessoas o discutem, o escrevem e o contestam, ou seja, no âmbito linguístico-semântico.” (p. 102). Dessa forma, as autoras afirmam que:

Contamos histórias cotidianamente porque é normal [...] contar histórias cotidianamente tem uma centralidade cultural e uma organização regrada que é parte dos métodos tácitos de que o ator social lança mão para interagir em sociedade. (BASTOS; BIAR, 2015, p. 107).

Nesse sentido, mais do que relatar um evento ocorrido, as narrativas servem para a construção do mundo social e das identidades: “contando histórias, os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos” (BASTOS; BIAR, 2015, p. 92). Flannery (2015) concorda com essa afirmação e complementa dizendo que “vivemos histórias e, por meio delas, reportamo-nos a momentos anteriores ou futuros, criamos e representamos a nossa fala e de outros que descrevemos e com quem nos relacionamos.” (p. 11). Esse movimento de construção do mundo social e das identidades ocorre porque:

[...] as pessoas utilizam a narrativa não apenas para (re) construir eventos passados, mas, em outros objetivos, para que tais eventos sejam interpretados de acordo com as representações que desejam. Narramos de forma que as histórias estejam adequadas a determinados objetivos. (SANTOS, 2013, p. 24)

Ou seja, quando o falante conta histórias, ele o faz de forma a atingir determinados objetivos comunicativos e interacionais. Um exemplo claro disso é a reprodução da fala de determinada pessoa para dar mais autenticidade ou credibilidade ao evento narrado. Além das adaptações aos objetivos interacionais, Santos (2013) ressalta que o narrador também leva em consideração seu papel social: “ao narrarem suas histórias, as pessoas o fazem de modo a estabelecer sua adequação identitária a determinada estrutura social.” (p. 24-25).

Dessa forma, conforme apresenta Flannery (2015) citando Schiffrin (1996), “[...] narrativas não apenas contribuem para o desenvolvimento e apresentação da identidade dos narradores, mas podem também situá-los num espaço social e cultural”

(p. 35). Ou seja, até a forma que se conta ou se ouve uma história também é marcada culturalmente, podendo, inclusive “refletir a nossa origem” (p. 33).

Essa multifuncionalidade das histórias narradas fica clara também quando se analisam suas características e contextos de produção. Goodwin (1986) explica que, nem sempre, as histórias contam eventos ocorridos, dessa forma “o fato de uma estória poder ser negociado à medida que a narração ocorre demonstra que a estória não pode prescindir do contexto onde surge e que não existe à priori” (apud. FLANERRY, 2015, p. 14).

Logo, compreende-se que o narrar é uma atividade humana que promove a construção do mundo social e a identidade dos indivíduos através da interação. Essa é, segundo Bastos e Biar (2015), uma consequência lógica do engajamento nas práticas discursivas de narrar e interpretar narrativas. Freitas (2017) vai ao encontro dessa perspectiva afirmando que:

Esse entendimento que temos do mundo e de nós mesmos, além de ser construído na linguagem e pela linguagem, se dá também por meio de histórias, das narrativas que contamos e ouvimos. As narrativas, nesse sentido, possuem um papel central em relação aos modos como construímos o mundo e como nos construímos [...]. (p. 21188)

Frente a sua ampla presença nos mais diferentes âmbitos sociais, muitas áreas têm as narrativas como objeto de estudo. Flanerry (2015) analisa as origens do interesse pelo estudos das estórias, identificando que

O interesse pela narrativa é, de fato, tão antigo quanto a própria existência humana. Quase toda forma de descrever a origem da história humana faz uso de uma variedade ou outra de narrativa. E não é necessário voltar tão longe no tempo para justificar o interesse pela narrativa, basta prestar-se atenção às diversas atividades que são desempenhadas no dia a dia para ter uma noção mais clara e mais prática do alcance dessa forma de discurso. (p. 97).

Porém, sua definição ainda não é específica. Como a autora explica,

A narrativa tem sido definida como recapitulação de experiência e encadeamento temporal de eventos [...] Alguns estudiosos, porém, preferem não definir a narrativa, tendo em vista que o próprio ato de elaborar uma explicação precisa deste modelo discursivo acaba por limitar o foco analítico. (p. 13-14).

Apesar da descisão de alguns autores de não definirem o que são as narrativas, trazemos algumas definições a fim de fundamentar teoricamente o presente trabalho.

Para tanto, fundamenta-se na obra de De Fina e Georgakopoulou (2012), na qual as autoras traçam um panorama dos estudos sobre narrativa. Elas explicam que o que define um texto oral ou escrito como narrativo é a presença da narratividade, elemento “ancorado na existência de um esquema mental que representa as bases da experiência humana”¹ (p. 8).

A seguir, as autoras citam uma série de autores da área da Análise da Narrativa, trazendo suas definições do termo. Primeiramente, elas explicam que Bruner (2010) conceitua narrativa como uma maneira de apreender a realidade, sendo uma das primeiras formas de comunicação humana. Nessa mesma linha de entendimento, Fina e Georgakopoulou (2012) trazem também Hymes (1996) e Ricoeur (1990) os quais complementam a primeira definição acrescentando que o narrar é também uma forma de manter viva a essência humana e as tradições das sociedades. A partir dessas perspectivas, as autoras concluem que a “narrativa impõe ordem no caos da experiência humana no mundo” (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 18).

Bastos e Biar (2015), por sua vez, definem narrativa como “[...] o discurso construído na ação de se contar histórias em contextos cotidianos ou institucionais, em situações ditas espontâneas ou em situação de entrevista para pesquisa social” (p. 99). Assim, as autoras acrescentam ao conceito os contextos nos quais as narrativas são produzidas. Sobre a importância dessa análise mais ampla, as pesquisadoras citam Moita Lopes (2001), que afirma: “[...] é preciso ter em mente que as narrativas são parte de embates para legitimar sentidos, e, sendo assim, há que se considerar quem conta histórias para quem e em que espaços institucionais” (BASTOS; BIAR, 2015, p. 109).

Ainda, apoiando-se em Goffman (1983), Freitas (2017) argumenta que “as narrativas também são performance, no sentido de que produzem aquilo que é descrito/contado” (p. 2118). Nessa perspectiva, são as histórias que reproduzem (ou produzem) o mundo social, tornando-o palpável para a capacidade humana.

Todos esses são conceitos recentes do que são as narrativas, porém, como mencionado anteriormente, a origem do estudo das histórias é antigo. No âmbito da linguística, o interesse pelo estudo das narrativas orais teve origem nos estudos de

¹ “[...] anchored to the existence of mental schemata that represent basic features of human experience.” (tradução nossa).

Labov (1972). Flannery (2015) explica a importância da sua contribuição para a linguística:

Credita-se o linguista americano William Labov por uma das mais importantes contribuições para o estudo da narrativa, contemporaneamente. Em estudos da narrativa fundamentados na sociolinguística, a análise laboviana é referência imprescindível. A importância do trabalho desse autor parte tanto do fato de ter chamado a atenção para a linguagem do cotidiano – quando por muito tempo privilegiava-se o texto narrativo escrito; como por ter revelado a regularidade do texto oral. (FLANNERY, 2015, p. 17)

Assim, além de dar início a uma nova área de pesquisa, voltando o olhar para as narrativas orais, o autor também estabeleceu elementos de regularidade nessas produções que, por muito tempo, eram vistas como sem lógica explícita. Para tanto, Labov desenvolveu uma ampla pesquisa na qual nos participantes eram convidados a narrarem, em contexto de entrevista sociolinguística, eventos nos quais sofreram risco de morte. Seu objetivo era:

[...] promover narrativas como uma técnica de redução dos efeitos da observação e gravação, permitindo aos informantes um menor monitoramento de suas produções faladas e se envolvendo na conversação com os pesquisadores². (DE FINA, 2012, p. 18).

A partir da análise das falas dos participantes, o autor chegou a definição de narrativa como “um relato de uma sequência de eventos que fazem parte da biografia do falante através da sequência de sentenças que correspondem ao evento original.”³(LABOV, 1997, p. 393 *apud* DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 34). Ele também identificou que se espera que as narrativas, além de obedecerem a uma sequência temporal, também tenham confiabilidade, ou seja, que elas sejam uma reprodução o mais próximo possível dos eventos narrados: “há, dessa forma, a suposição de que os eventos do universo da narrativa estejam em uma relação referencial de mapeamento direto com os eventos realmente ocorridos anteriormente”⁴ (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 27).

² “[...] elicitation of narratives as a technique for reducing the effects of observation and recording, thus allowing his informants to lower their monitor on speech production and get involved in the conversation with researchers.” (tradução nossa).

³ “[...] a report of a sequence of events that have entered into the biography of the speaker by a sequence of clauses that correspond to the original events.” (tradução nossa).

⁴ “There is thus an assumption that the events of the taleworld are in a referential relationship of straightforward mapping with the actual antecedent events.” (tradução nossa).

Além disso, Labov ainda dedicou-se a compreender o que faz um evento ser “narrável”, chegando a dois elementos: reportabilidade e credibilidade. O primeiro, como enfatiza o autor, está ligado a elementos culturais e o contexto em que é narrada a história. Já, o segundo, se refere a necessidade de o interlocutor acreditar e confiar que o que foi narrado é real “para evitar desafios ou acusações de mentiras”⁵ (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 33).

Dessa forma, Labov (1972) desenvolveu um modelo para a compreensão da estrutura das narrativas orais “que questionou a tradicional desconexão entre a literatura e a contação de histórias vernacular”⁶ (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 35). Nele, são definidas seis etapas recorrentes no desenvolvimento da narrativa: resumo (síntese do evento narrado), orientação (indicação do início da narrativa e contextualização), orações de complicação (o que aconteceu na história), avaliação externa ou interna (parecer do interlocutor ou do narrador sobre o que aconteceu), resolução (desfecho da história) e coda (reinserção da história na interação) (FLANNERY, 2015).

Apesar de ter sido pioneiro nos estudos da narrativa oral no âmbito da Linguística, o modelo de laboviano é bastante questionado, uma vez que não contempla as variedades de narrativas possíveis de serem produzidas nas interações. Além disso, conforme afirmam De Fina e Georgakopoulou (2012):

Esses dados não apresentaram casos de participação sistemática da audiência, co-construção da história entre narrador e audiência e muitos outros fenômenos que caracterizam a narração de histórias na interação [...] o modelo ainda necessita de categorias de códigos ou qualquer outro meio de incorporação dos processos interacionais na descrição do discurso narrativo.⁷ (p. 35)

Ou seja, apesar de ter sido um começo na visão de uma organização e sistematização das produções orais, pela própria natureza dos dados analisados, o modelo laboviano não comporta elementos essenciais da perspectiva interacional. Dessa forma, novos estudos foram realizados a fim de aprimorar as análises,

⁵ “[...] to avoid challenges o accusations of lying.” (tradução nossa).

⁶ “[...] that questioned the traditional gulf between literary and vernacular storytelling.” (tradução nossa).

⁷ “These data did not presente cases of systematic audience participation, co-construction of the story between teller and audience and many other phenomena that characterize the telling of narratives in interaction [...] the model still lacks coding categories or any other means of incorporating interational processes in the description of narrative discourse.” (tradução nossa).

incorporando aspectos como a participação dos interlocutores na co-construção das narrativas.

A Sociolinguística Interacional é fundamentada na interlocução entre a Antropologia, a Sociologia e a Linguística. Conforme explica Flannery (2015):

A origem do que hoje se rotula como sociolinguística interacional remete aos trabalhos do antropólogo John Gumperz e do sociólogo Erwin Goffman e das construções teórico-metodológicas que se derivam de conceitos desenvolvidos por esses estudiosos. (p. 28)

Cabe, portanto, analisar, ainda que brevemente, as teorias desses dois estudiosos. Para Gumperz (2020), as interações na sociedade são oportunidades para análise de como ocorre o processo de comunicação, porém, ele reforça que, para tanto, é necessário uma atenção também para os elementos extralinguísticos uma vez que eles contribuem para a construção do significado: “[...] a interpretação da linguagem é orientada por elementos extralinguísticos é orientada por elementos extralinguísticos, tais como a entonação ou o ritmo, mas que são igualmente importantes para a apreensão de significado” (FLANNERY, 2015, p. 29). Ou seja, na visão do autor, o significado é uma construção que abarca diversos elementos, inclusive, extralinguísticos. Para ele, então

[...] interagir é engajar-se em um processo contínuo de negociação, tanto de inferir o que o outro quer comunicar quanto de monitorar como suas próprias contribuições são recebidas. Em outras palavras, o que está em questão é o que é compartilhado ou não mais do que o sentido denotativo.⁸ (GUMPERZ, 2020, p. 88).

Nessa visão, portanto, o sentido é construído entre os participantes de uma maneira compartilhada, num processo de constante negociação. Tal percepção está alinhada ao pensamento social construtivista, segundo o qual, os significados e o mundo social como um todo é construído a partir da interação, não existindo à priori. De Fina e Georgakopoulou (2012) explicam essa visão dizendo que: “[...] o mundo social [...] é de fato construído pela ação e interação humana e não independente

⁸ “[...] to interact is to engage in an ongoing process of negotiation, both to infer what others intend to convey and to monitor how one’s own contributions are received. In other words, what is at issue is shared or nonshared interpretations rather than denotational meaning.” (tradução nossa).

desses aspectos. Indivíduos constituem continuamente a realidade social e são constituídos por ela em um processo dialógico.”⁹ (p. 157).

A partir desse interesse pela compreensão das interações linguísticas em sociedade, Gumperz (2020) explica que

A Sociolinguística Interacional tem sua origem na busca por métodos replicáveis de análise sociolinguística qualitativa que possam promover *insights* sobre a diversidade linguística e cultural característica dos ambientes comunicativos atuais e documentar seu impacto nas vidas dos indivíduos. (p. 87).

Ou seja, por essa perspectiva, tem-se uma análise mais ampliada da interação e do processo de construção de sentido e identidade que ela envolve. Assim, o autor situa o foco da Sociolinguística Interacional

[...] no contexto e nas interferências culturalmente situadas nas quais os membros se baseiam para expressar intenções comunicativas. Não há pressuposto de que os recursos comunicativos são compartilhados. Ao contrário, o objetivo é descobrir maneiras empíricas de mostrar por meio de análise de discurso se os procedimentos interpretativos são compartilhados ou não. (GUMPERZ, 2020, p. 94- 95).

Fica claro, a partir de tal contextualização, que a perspectiva trata dessa relação da construção do sentido, abarcando, inclusive, os casos em que as interpretações dos interagentes divergem por diferenças culturais, por exemplo. Devido a presença de tais elementos nas análises, a própria definição do que é engajar-se em comunicação verbal é reformulada pelo autor que afirma que

Engajar-se em comunicação verbal, portanto, não é apenas expressar pensamentos: a fala se vincula a uma ecologia comunicativa que afeta significativamente o curso de uma interação. (GUMPERZ, 2020 p. 98).

Conforme mencionado anteriormente, outro autor que contribui para o desenvolvimento da Sociolinguística Interacional é Goffman. Para ele, o elemento chave para a compreensão das interações é a análise do evento comunicativo no qual se desenvolvem. O sociólogo também se alinha ao construtivismo, acrescentando a “[...] noção de que o ‘eu’ é um constructo social, um produto da interação social” (FLANNERY, 2015, p. 30). Portanto, nessa visão, as identidades também são produto

⁹ “[...] the social world [...] is in fact build by human action and interaction and it is not independent of it. Individuals continuously constitute and are constituted by it in a dialectical process.” (tradução nossa).

da interação entre os participantes, sendo construídas conforme os eventos comunicativos nos quais ocorrem e os papéis de cada um dentro do contexto em questão.

Nesse sentido, o autor define a interação social “[...] como aquilo que transparece de modo singular em situações sociais, isto é, ambientes em que dois ou mais indivíduos se encontram fisicamente na presença responsiva um do outro.” (GOFFMAN, 2020, p. 120). Com tal conceito, situações como conversas por telefone ou outros meios de comunicação seriam consideradas “[...] versões reduzidas da coisa verdadeira primordial.” (GOFFMAN, 2020, p. 120). Essa delimitação se dá, de acordo com o autor, por conta do fato de os fazeres serem socialmente situados, o que em interações não presenciais, segundo Goffman (2020), não ocorre em sua totalidade uma vez que “tudo que é peculiar à interação face a face provavelmente estará relativamente circunscrito no espaço e mas certamente ainda no tempo.” (p. 122). Portanto, elementos como a intencionalidade e o envolvimento na interação são evidenciados por aspectos como o aspecto visual e a concentração.

Nessas situações sociais é que se constroem a identidade dos personagens das histórias sendo narradas na interação e dos próprios interagentes. Assim, ocorre um movimento articulado entre o que o participante traz de prévio para a interação e o que ele adapta em relação ao seu interlocutor.

É evidente que cada participante entra em uma situação social trazendo consigo uma biografia já estabelecida no trato anterior com os demais participantes, ou pelo menos com os participantes do seu tipo; e entra também um vasto conjunto de pressupostos culturais que presume serem compartilhados. (GOFFMAN, 2020, p. 126- 127).

Fica claro, assim que a caracterização da identidade dos envolvidos na interação social é de suma importância para que ela ocorra. Goffman explica que esse processo de escuta e observação do outro envolve

[...] duas formas fundamentais de identificação: a do tipo *categórico*, que envolve posicionar esse outro em uma ou mais categorias sociais; e a do tipo *individual*, pelo que o sujeito sob observação fica preso a uma identidade própria e única pela aparência, pelo tom de voz, pela menção do nome ou por algum dispositivo de diferenciação da pessoa. (GOFFMAN, 2020, p. 124).

Ou seja, primeiramente se estabelece uma caracterização mais ampla e geral da pessoa a fim de colocá-la em uma categoria social ampla, para, depois, identificar elementos particulares que a diferenciam das demais. O estabelecimento de tais

categorias, bem como o desenvolvimento da própria interação, é comparado pelo autor às regras de um jogo no qual há direitos, arranjos e riscos a serem enfrentados pelos participantes. Vale ressaltar que todos esses aspectos, como mencionado anteriormente, ficam fortemente ligados ao contexto em que ocorrem. Entretanto, conforme explica Goffman (2020), “as estruturas sociais não ‘determinam’ as manifestações culturalmente padronizadas, apenas ajudam na escolha a partir do repertório disponível de manifestações” (p. 146).

É a partir desse construto teórico que se desenvolve a ideia de “estórias como conquistas interacionais”¹⁰ (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012, p. 86). Tal conceito é basilar para a Sociolinguística Interacional que “[dedica-se à] observação da linguagem em contexto, tomando em consideração não apenas fatores linguísticos, mas também suprasegmentais” (FLANNERY, 2015, p. 30). Ou seja, são levados em consideração também a relação estabelecida entre os participantes e o contexto em que ocorre a interação. Dentro dessa área, portanto, é analisado esse processo de construção dos sentidos e das identidades uma vez que assume-se que “o significado é dinâmico, porque é construído na interação entre as pessoas [...]” (SANTOS, 2013, p. 32).

A Sociolinguística também trouxe à tona a discussão dos elementos das narrativas, reepensando a estrutura fixa proposta inicialmente no modelo laboviano. Assim, Ochs e Capps (2001) propõe que a análise das histórias orais seja feita por meio de dimensões as quais permitem uma compreensão de como ocorreu, na interação, esse processo de co-construção do sentido. São propostos cinco aspectos a serem considerados:

- a) Narração (*tellership*): trata do envolvimento entre os participantes da narrativa no que diz respeito a quanto ocorre a troca de papéis entre o narrador ativo e o ouvinte na interação;
- b) Historiabilidade (*tellability*): investiga o quão relevante é a narrativa emergida em relação à interação a fim de se atingir o objetivo interacional;
- c) Encaixe (*embeddedness*): corresponde a como a narrativa se encaixa ao contexto da fala e qual o seu papel dentro do mesmo;

¹⁰ “Stories as interactional achievements.” (tradução nossa).

- d) Linearidade (*linearity*): analisa a sequência temporal do fato narrado de forma que, nem sempre, uma história segue a ordem temporal tal qual aconteceu de fato, podendo fazer movimentos de ida e volta no tempo;
- e) Postura moral (*moral stance*): identifica quais são os valores morais por trás das histórias narradas, por exemplo, na descrição de personagens.

As perspectivas de análise são, portanto, amplas uma vez que podem tanto fazer um movimento micro para o macro, quanto o seu contrário. Logo, a partir da análise das narrativas seguindo essa perspectiva, é possível compreender como, na interação, o próprio mundo social (seus agentes e cenários) são construídos permitindo uma visão ampla do papel do narrar na existência humana.

4 DIÁLOGO CONSTRUÍDO

Como explicado no capítulo anterior, contar histórias faz parte da vida em sociedade. Dentro das narrativas, são usados diferentes recursos que permitem aos interlocutores a construção de sentido e de identidade. Um desses é a atribuição de fala aos personagens envolvidos no evento narrado. Conforme Flannery (2015), a citação dessas vozes e pensamentos “[...] tem um papel fundamental para dar vida ao relato e pela função avaliativa que pode exercer” (p. 63), contribuindo, dessa forma, para a construção do sentido. Ou seja, ao narrar no presente algo ocorrido anteriormente, cita-se a fala de outras pessoas a fim de comprovar a autenticidade do que foi contado, bem como demonstrar as posições assumidas frente o ocorrido (FLANNERY, 2015).

Citando Bakhtin (1986), Rae e Kerby (2007) e Hoyt (2007), a autora utiliza o termo discurso reportado para se referir ao uso da fala de outro na narrativa. Apoiando-se nos referidos autores, ela explica como o recurso deve ser analisado levando em consideração sua função performativa de construção dos sentidos na interação. Assim, o discurso reportado permite que o narrador comprove ao seu interlocutor que a história narrada realmente aconteceu e, também, dê sentido a sua história, utilizando as avaliações dos próprios personagens.

Flannery (2015) apoia-se também em Clark e Gerrig (1990). Utilizando tais autores, ela usa os termos discurso direto e indireto a fim de explicar que o uso da fala de outra pessoa na narrativa pode tanto servir para introduzir o que foi dito (discurso direto), quanto para avaliar o evento narrado (discurso indireto). Assim,

Para os autores, o discurso indireto tem propriedades discursivo-analíticas, na medida em que se insere de modo mais nítido na fala de seus autores. Por outro lado, quando se faz uso do discurso direto, há várias marcas que contribuem para identificar a diferença entre a voz do autor das falas citadas e o comentário daquele que reporta o trecho. (FLANNERY, 2015, p. 71)

Fica claro, após a apresentação das explicações trazidas por Flannery (2015) que, ainda que o uso da fala de outros nas narrativas cotidianas seja comum e tenha um papel muito importante na construção de sentido, nos estudos sociolinguísticos interacionais, há o uso de diferentes termos para se referir a tal fenômeno. Por exemplo, na definição trazida por Minami (2015), o discurso reportado seriam “[...] as citações de palavras ditas na forma de discurso direto, discurso indireto, ou, até

mesmo, um resumo de um evento de discurso [...]”¹¹ (p. 82). Apesar da diferença de nomenclatura, o autor se alinha à Flannery (2015) quando afirma que o discurso reportado permite o desenvolvimento da avaliação do narrador sobre a história contada, o que engloba aspectos cognitivos e culturais: “O discurso reportado nos faz pensar na narrativa não simplesmente como uma forma de texto, mas também como um modo de pensamento, ou uma representação cognitiva delimitada pela cultura.” (MINAMI, 2015, p. 82).

Wortham e Rhodes (2015) também utilizam o conceito de discurso reportado, porém ampliam suas funcionalidades explicando que tal recurso pode também servir para o desenvolvimento da identidade do próprio narrador quando ele usa as palavras de outra pessoa para se descrever. Assim, “avaliações compartilhadas de valores sociais são comunicadas pelas palavras citadas.” (WORTHAM; RHODES, 2015, p. 163). Ou seja, o narrador utiliza do discurso reportado como uma maneira de construir sua identidade a partir das falas dos personagens envolvidos na narrativa de forma que tais características que lhe são atribuídas não só se tornam mais válidas (já que não é ele mesmo que as atribuiu), como também refletem os valores sociais por trás da avaliação.

Outra autora que complementa o conceito de discurso reportado é Shuman (2015). Ela traz à tona a questão da posse da história quando há a citação da fala de outras pessoas, uma vez que, quando se faz esse movimento, o que está sendo dito não necessariamente representa a opinião daquele que narra. Além disso, a autora reforça o quanto o discurso reportado gera maior autenticidade aos eventos narrados uma vez que “citando, o narrador reivindica não apenas sua própria autoridade, mas também a autoridade do falante citado.”¹² (p. 45). Ou seja, em casos em que o narrador pode não ser considerado alguém apto a falar sobre determinado assunto, ele consegue validar sua história utilizando as palavras que alguém que é.

Apesar das diferentes definições apresentadas, é possível perceber um ponto em comum: a ideia de que, quando utiliza-se a fala de outra pessoa na narrativa, o falante não está simplesmente reportando o que foi dito, ele constrói sentidos e busca validação, em um processo que engloba também valores sociais e culturais. Assim,

¹¹ “[...] quotations of words spoken in the form of direct speech, indirect speech, or even a summary of a speech event [...]”. (tradução nossa).

¹² “By quoting, a narrator claims not only his/her own authority but also the authority of the speaker quoted.” (tradução nossa).

alinha-se às ideias de Tannen (2007) quando ela propõe que o termo correto para se referir a tal mecanismo de linguagem deveria ser compreendido como diálogo construído uma vez que, quando se transforma o discurso em diálogo, o que ocorre não é a simples reprodução da fala, mas sim “[...] a recontextualização das palavras no discurso presente.”¹³ (TANNEN, 2007, p. 17).

A autora argumenta que quando um falante usa informações fornecidas por outra pessoa em um momento de fala e as repete em outra situação, ele está realizando um “[...] movimento conversacional ativo que fundamentalmente transforma a natureza do enunciado”¹⁴ (TANNEN, 2007, p. 108). Isso ocorre, segundo Tannen (2007), pois o falante adapta tal fala ao contexto presente da interação, estando situado sociológica e ideologicamente, com determinadas intencionalidades discursivas que podem divergir das do contexto em que o discurso originalmente foi enunciado. Dessa forma, ele molda uma nova orientação discursiva, delineando, inclusive, a sua própria identidade na interação presente.

Além disso, Tannen (2007) reforça, a partir da citação de autores como Bakhtin, Voloshinov, Heidegger e Becker, a a ideia de que tudo que se fala ou escreve, na verdade, remete a textos anteriores em uma relação dialógica. Esse movimento se refere não apenas a quem enuncia, mas, também, a quem ouve ou lê o enunciado. Frente a essas questões, a autora reivindica que “[...] o termo ‘discurso reportado’ é bastante enganoso em sugerir que alguém pode usar as palavras de outro e elas continuarem sendo primariamente as palavras do outro.”¹⁵ (TANNEN, 2007, p. 104). Como justificativa, ela apresenta dois pontos: o fato de a maior parte do que é dito como reportado, na realidade, nunca foi dito na interação na qual se originou; e a pessoa que reporta usa as palavras do outro com uma intencionalidade discursiva diferente da original, adaptando ao contexto em que a interação no presente se dá.

Para essa perspectiva, portanto, “[...] ‘discurso reportado’ não é reportado de maneira alguma, mas sim construído criativamente por um falante presente em uma situação presente.”¹⁶ (TANNEN, 2007, p. 107-108). Assim, quando se reinsere palavras ditas (ou não) anteriormente, o falante leva em consideração elementos

¹³ “[...] the recontextualization of words in a current discourse.” (tradução nossa).

¹⁴ “[...] active conversational move that fundamentally transforms the nature of the utterance.” (tradução nossa).

¹⁵ “[...] the term ‘reported speech’ is grossly misleading in suggesting that one can speak another’s words and have them remain primarily the other’s words.” (tradução nossa).

¹⁶ “[...] ‘reported speech’ is not reported at all but is creatively constructed by a current speaker in a current situation.” (tradução nossa).

como o contexto da interação presente, sua intencionalidade discursiva e a audiência para quem narra, o que provoca, por vezes, uma alteração no significado do enunciado original uma vez que “[...] mudando o contexto de um enunciado muda-se seu significado.”¹⁷ (TANNEN, 2007, p. 111).

Além de dar maior credibilidade ao que é dito, Tannen (2007) afirma que o diálogo construído também promove um envolvimento maior entre o narrador e seu interlocutor. Em sua pesquisa, ela identifica dez tipos de diálogo construído que são apresentados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Tipos de diálogo construído

Diálogo representando algo que não foi dito	Ocorre quando o narrador reporta o que queria ter dito no momento narrado, mas que não o fez de fato.
Diálogo como instanciação	Ocorre quando o narrador reporta falas comuns relativas a fenômenos gerais, mas não necessariamente sua fala precisa.
Diálogo resumido	Ocorre quando o narrador reporta de maneira resumida as palavras ditas na interação inicial.
Diálogo em coro	Ocorre quando o narrador atribui a fala a um grupo de pessoas.
Diálogo como discurso interno	Ocorre quando o narrador cita os seus pensamentos como diálogo.
Discurso interno de outra pessoa	Ocorre quando o narrador cita os pensamentos de uma outra pessoa.
Diálogo construído pelo ouvinte	Ocorre quando o interlocutor, que não estava presente no evento narrado, atribui uma fala a um dos personagens da narrativa.
Desaparece, aparece	Ocorre quando o narrador insere uma citação indireta dentro de uma direta.
Referentes vagos	Ocorre quando o narrador atribui uma fala de maneira vaga, sem identificar quem foi o falante que a produziu originalmente.
Falante não humano	Ocorre quando o narrador atribui uma fala a um ser não humano como um animal ou um objeto.

Fonte: elaboração própria com base em Tannen (2007).

Esses tipos, além de classificarem os diferentes usos do diálogo construído, ilustram o quando o interlocutor, ao fazer esse movimento de citar a fala de outra pessoa tem um papel ativo na interação, construindo sentidos de acordo com seus objetivos discursivos. Assim, usa-se essa concepção como embasamento para o entendimento do diálogo construído na presente pesquisa.

¹⁷ “[...] changing the context of an utterance changes its meaning.” (tradução nossa).

Tal posicionamento foi adotado porque, no próprio processo de transcrição, percebeu-se o quanto a participante utilizava falas de outras pessoas na construção das suas narrativas. Ao aprofundar a análise, identificou-se que esses movimentos eram feitos por diversos motivos, como argumentação e construção de sentido. Uma das características que ligam as narrativas emergidas nas interações de Joana é a presença de tópicos como sua trajetória profissional e as mudanças que a DA trouxe em sua vida. Assim, o conceito de diálogo construído demonstrou-se pertinente uma vez que abarca o processo interacional envolvido na formação identitária profissional da participante, bem como os conflitos internos pelos quais passou após o diagnóstico da doença.

5 METODOLOGIA

Este trabalho usa uma metodologia qualitativa de cunho interpretativista. Segundo Creswell (2007),

A pesquisa qualitativa é fundamentalmente interpretativa. Isso significa que o pesquisador faz uma interpretação dos dados. Isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal ou teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo perguntas a serem feitas. (p. 186).

Ou seja, o pesquisador tem um papel ativo nesse tipo de metodologia, pois deve refletir sobre os dados obtidos na investigação ao mesmo tempo em que interage com o ambiente em que o estudo se insere, valorizando as contribuições de cada pessoa envolvida no mesmo. Nesse processo, conforme explica o referido autor, também estão envolvidos os valores, a biografia e os interesses do próprio pesquisador que deve, constantemente, realizar esse movimento de introspecção a fim de reconhecer como tais aspectos interferem na pesquisa. Logo, “o pesquisador é o instrumento primário na coleta de dados, e não algum mecanismo inanimado” (CRESWELL, 2007, p. 202). Santos (2013) vai ao encontro dessa perspectiva afirmando que “[...] o pesquisador está localizado no mundo social da mesma forma que aqueles que lhe fornecem seus dados, ou seja, ele não é um observador à parte, encontrando-se integrado no ambiente de pesquisa.” (p. 27- 28).

Creswell (2007) afirma que essa é uma das características da pesquisa qualitativa atualmente. Além disso, também são peculiaridades dessa metodologia o cenário natural em que ocorrem, o estabelecimento de teorias e hipóteses após a análise dos dados, o foco “nas percepções e nas experiências dos participantes e na maneira como eles entendem a sua vida [...]” (CRESWELL, 2007, p. 202), busca pela compreensão da maneira como os eventos cotidianos ocorrem, atenção aos detalhes e a interpretação de seus resultados é negociada e relativa. Frente a essa última questão, para ter credibilidade, o pesquisador deve buscar a coerência de suas percepções (CRESWELL, 2007).

A presente pesquisa, nesse contexto, trata-se de um estudo de caso, definido por Eisenhardt (1989) como: “[...] uma estratégia de pesquisa que foca no

entendimento da dinâmica presente em casos individuais.”¹⁸ (p. 534). Conforme explica Yin (2009), esse tipo de pesquisa permite uma compreensão aprofundada e holística das características de eventos da vida social. Por promover um movimento do ambiente micro para o macro, o estudo de caso atende o “[...] desejo de entender fenômenos sociais complexos.”¹⁹ (p. 4).

Ainda sobre os estudos de caso, Eisenhardt (1998) menciona que tais pesquisas “[...] normalmente combinam métodos de coleta de dados como pesquisa catalográfica, entrevistas, questionários e observações.”²⁰ Neste estudo foi usado o método da entrevista narrativa, sem direcionamento de tópico. Essas entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo e, posteriormente, transcritas.

Por muito tempo, acreditou-se que esse método de coleta de dados não era válido por ser uma situação criada para os fins da pesquisa, logo, não ser uma interação natural entre os participantes. Porém, conforme explicam Bastos e Santos (2013),

[...] a entrevista é compreendida como um evento social, em que o discurso é cooperativamente construído [...] Assim, o entrevistado não é mais visto como fonte de informações a serem objetivamente coletadas e analisadas, mas, antes, como alguém que constrói, com o entrevistador, o discurso produzido na situação de entrevista. (p. 10).

Ou seja, tanto o papel do pesquisador quanto o do participante são repensados, com enfoque no processo de negociação e construção de sentido e identidades entre os interagentes, considerando as posições que assumem dentro do universo narrativo (MISHLER, 1986, apud. BASTOS; SANTOS, 2013). Nesse sentido, compreende-se “[...] a importância da pesquisa com entrevistas como um instrumento através do qual podemos desenvolver uma compreensão apurada de como as pessoas constroem e são construídas através de suas práticas discursivas.” (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 13).

Conforme Santos (2013), quando não se definem previamente as perguntas a serem feitas na entrevista, configura-se como entrevista não estruturada, o que “[...] favorece a emergência de narrativas.” (p. 25). Porém, é importante ressaltar que o

¹⁸ “[...] a research strategy which focuses on understanding the dynamics present withing single settings.” (tradução nossa).

¹⁹ “[...] desire to understand complex social phenomena.” (tradução nossa).

²⁰ “[...] typically combine data collection methods such as archieves, interviews, questionnaires, and observations.” (tradução nossa).

pesquisador deve sim fazer movimentos de condução da narrativa de uma maneira ainda que sutil por meio de perguntas e comentários relacionados ao que foi dito no momento da interação. Tal posicionamento “[...] proporciona espaço para o entrevistado desenvolver sua narrativa mais livremente.” (p. 26).

Outro aspecto relevante a ser mencionado é que as experiências narradas pelo participante são adaptadas ao contexto em que a entrevista é feita. Dessa forma, um mesmo evento pode ser contado de diferentes formas pela mesma pessoa dependendo de quem é o interlocutor e em que situação é narrado. Esse fato é explicado por Santos (2013) a seguir:

Ao contarem suas experiências, os entrevistados realizam o trabalho de reorganizá-las, conferindo atualidade a eventos ocorridos há algumas horas ou mesmo há muitos anos. O ato de narrar constitui, assim, um retorno à experiência, mas não é a experiência; a narração está condicionada ao contexto, às pessoas nele envolvidas e tem um fim determinado. No entanto, ao contar sua experiência, o narrador possibilita a si e aos que estão ao seu redor pensarem sobre ela. (p. 30).

Após a geração dos dados, o processo de pesquisa envolveu também a transcrição dos dados. Definida por Santos (2013), esse é o processo de fixação da narrativa, sendo essencial para a análise dos dados. Tendo em vista que existem diferentes formas de transcrição, a depender do tipo de dado e análise feita, foram adotadas, de uma maneira adaptada, as convenções de Marcuschi (1986) e adaptadas pelo Grupo NIL uma vez que permitem o nível de detalhamento necessário ao desenvolvimento da pesquisa.

5.1 Contexto da pesquisa

O presente trabalho foi desenvolvido dentro de um projeto de pesquisa *O tópico discursivo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer* do grupo NIL (Narrativa, Interação e Linguagem) coordenado pelo Prof. Dr. Caio Mira. A partir de um desdobramento da pesquisa focado nas pessoas diagnosticadas com a doença, foram feitas entrevistas com a participante em encontros com duração de, aproximadamente, duas horas. Em alguns casos, também estava presente a cuidadora da participante, a qual também interagiu nas conversas. Nessas interações, emergiam assuntos cotidianos uma vez que a participante preparava previamente materiais a serem discutidos, como

músicas, textos, fotografias etc. É a partir dessas entrevistas que se desenvolveu o presente trabalho.

Os encontros ocorriam mensalmente na casa da participante, sempre com uma combinação prévia. A pesquisa durou aproximadamente dezoito meses e foi interrompida por conta da pandemia, que inviabilizou as reuniões por conta do alto risco de contágio pelo coronavírus.

O critério de escolha dos dados baseou-se na recorrência de narrativas nas quais ocorriam indícios de construção identitária da participante através do uso do diálogo construído. Foram escolhidas duas interações: uma na qual a participante narra seu processo de reconhecimento da doença e uma na qual ela conta sua vida profissional. Esses trechos destacam-se, pois, são dois tópicos recorrentes nas interações: os impactos da DA em sua vida e sua identidade docente.

O primeiro dado se refere ao encontro realizado no dia vinte e sete de abril de 2016, no qual estão presentes a participante, sua cuidadora e um pesquisador. Antes da chegada deste, aquela já havia separado as cartas e cartões postais a serem vistos durante a conversa. Como dito anteriormente, essa era uma prática comum nos encontros. Dessa forma, a interação, com duração de aproximadamente uma hora, foi motivada pelos materiais separados pela participante. Os tópicos principais foram as viagens feitas pela participante, os cursos de Língua Inglesa que fez como professora e sua família. Também foram levantadas questões como os impactos que a DA causou em sua vida e como sua rotina foi adaptada para incluir as diferentes atividades terapêuticas que realiza, como academia e pilates. Permeando esses pontos, elementos como seu interesse por filmes, músicas e novelas também se fez presente, bem como seus planos para uma viagem que realizaria dentro de pouco tempo para outro estado.

O segundo dado, por sua vez, refere-se à interação do dia vinte e sete de julho de 2018 ocorrida entre a participante e uma pesquisadora (há, também uma breve participação da cuidadora). Diferentemente do anterior, nesse encontro, com duração de aproximadamente uma hora, não há um material motivador da conversa. Porém, os tópicos emergentes são os recorrentes: trajetória docente, viagens, família, atualidades e os impactos da doença em sua vida. Destaca-se nessa interação a narrativa que a participante faz de sua carreira profissional e a finalização da interação com conselhos dados à pesquisadora quanto ao trabalho em sala de aula.

Vale ressaltar que essa pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, sob o protocolo nº 50341815.3.0000.5344. Dessa forma, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1 deste trabalho), a identidade e o anonimato da participante foram preservados durante todo o processo de coleta e transcrição de dados.

5.2 Participante

A participante em questão, que recebeu o nome fictício de Joana, é moradora de uma cidade do Sul do Brasil. Ela é uma ex-professora universitária bilíngue: sua língua materna é a portuguesa, mas também fala inglês, dependendo do contexto de comunicação.

Foi diagnosticada com a DA há cerca de seis anos e é ciente de sua condição, recebendo auxílio da família e amigos, bem como o acompanhamento de diversos profissionais como fisioterapeuta e neurologista. Além disso, ela também tem cuidadoras que lhe fazem companhia e auxiliam nas tarefas do dia a dia. Os sintomas que apresenta nessa fase intermediária da doença são perda de visão, dificuldade de articulação fonológica e no acesso lexical, parafasia e repetição de segmentos vocálicos. Por conta dessa clareza que tem quanto ao desenvolvimento da doença, em diversos momentos Joana remete às mudanças que causou em sua vida no sentido de todas as perdas que tem vivenciado.

Apesar dessas dificuldades, Joana é bastante comunicativa, mostra-se interessada em diversos assuntos culturais. Ela possui muitos livros, cd's e dvd's em sua casa e, frequentemente, os mostra e comenta durante as interações. Diversas vezes, ela faz recomendações ao pesquisador ou pesquisadora, enfatizando pontos positivos das obras. Além disso, também está sempre atualizada em relação a peças teatrais e outros eventos como lançamentos de livros, filmes e novelas. Traça comentários sobre as produções que assiste, em especial a respeito da trilha sonora. Quando fala sobre viagens que fez, menciona museus e outros lugares históricos, comentando com detalhes aspectos que situam a importância de tais locais, fazendo referências a grandes personalidades ou a obras nas quais aparecem.

Também é bastante ligada à sua família e amigos, frequentemente realizando encontros em sua casa ou visitando-os. Em especial, ela fala sobre seu filho e suas netas, contando histórias, normalmente, engraçadas que lhe aconteceram em sua

companhia. Da mesma forma, ela se refere a amigos e demais familiares, contando em que lugares se encontraram e sobre o que conversaram.

Outro aspecto relevante a ser mencionado sobre a participante é seu interesse em catalogar, visitar e organizar seu acervo pessoal de livros, cd's, dvd's, cartas, fotos e cartões postais. Ela está sempre buscando uma nova forma de organizar esses itens. Por vezes, justifica esse comportamento como uma maneira de lembrar seu passado. Nessas organizações, Joana separa itens que gostaria de presentear outras pessoas. Dessa forma, em muitos encontros ela dá ao pesquisador ou pesquisadora livros, materiais impressos e, até mesmo, lembranças de viagens. Segundo sua fala, por não poder ler mais ela se sente culpada de deixar tanto conhecimento parado, sem utilidade, logo prefere dar para alguém que vá utilizá-lo.

6 “NÃO SOU MAIS QUEM EU ERA”

O primeiro dado a ser analisado neste trabalho, como indicado anteriormente, data do dia vinte e sete de abril de dois mil e dezesseis. Nessa interação, estavam presentes o pesquisador, a participante e sua cuidadora. Como normalmente acontecia nos encontros, Joana já havia separado um material sobre o qual gostaria de conversar. Nesse caso, eram cartões postais e cartas antigas.

Inicialmente, como o encontro se deu poucos dias depois da comemoração de aniversário de setenta anos da participante, o pesquisador pergunta como foi a festa e Joana narra o dia, sempre mencionando como gostaria de ter aproveitado melhor seu tempo com os convidados. Ela menciona dificuldades que teve como o cansaço e o fato de não conseguir lembrar de todos os que estavam presentes.

A partir dessa narrativa, emergem na interação os esforços feitos por Joana para se manter ativa mesmo com a DA, como fisioterapia, pilates e academia. Ela também explica que está buscando rever suas coisas em casa, organizando e categorizando itens. Nesse momento, vem à tona a narrativa que permeia a interação a partir daí (ainda que, em alguns momentos, seja suspensa ou intercalada): a leitura de cartas da família que pretendia jogar fora.

Excerto 1 - "As cartas não mentem."

106 Joana: tu tem eu tenho umas an:: obrigações a cumprir né também
 107 vô de manhã no: fazê ... academia então assim tudo: mar
 108 marcado agora por exemplo
 109 Fábio: cê tem uma agenda de compromissos
 110 Joana: uma agenda mais ou menos hoje de tarde antes de tu chega
 111 eu pedi pra Zilá tu poderia sentá comigo vê um pouco de: o
 112 lê algumas cartas da minha família e aí fo:i uma uma coisa
 113 bem interessante porque primeiro já tá já tinha dito pra
 114 Zilá vô an:: botá fora as cartas aí depois que eu já li
 115 algumas eu não vô porque eu vo dá pros meus mão irmãos
 116 an:: vê porque tem coisas da vida que eles participaram e:
 117 a gente vai an::
 118 Fábio: tá escrito lá nas cartas
 119 Joana: tão escrito e a gente as cartas não ven não mentem
 120 ((risada)) não mentem jamais

Como explicam De Fina e Georgakopoulou (2012), essa narrativa se enquadra no termo “pequena história” porque se trata de algo que aconteceu muito recentemente com a narradora. Assim, segundo a explicação da autora, nesses casos

o interlocutor, ao narrar, está construindo o sentido da vivência ao longo da própria interação.

Nessa perspectiva, percebe-se que Joana narra de forma a mostrar sua própria mudança de opinião em relação à importância das cartas. Nas linhas 112 e 113, quando diz “fo:i uma uma coisa bem interessante”, ela avalia a experiência da leitura como sendo interessante porque, conforme justifica, primeiramente ela queria jogar esses registros, mas, depois ela mudou de ideia, porque, mesmo já tendo lido algumas, ela percebeu que poderiam ser interessantes para seus irmãos uma vez que eles estavam presentes nos eventos lá registrados. Para expressar essa mudança entre sua opinião prévia e a após a leitura, Joana utiliza o diálogo construído em “vô an:: botá fora as cartas”, na linha 114, para reportar sua própria fala à cuidadora no início da narrativa. Porém, após, ela reformula sua opinião dizendo que vai dar as cartas para seus irmãos.

Nesse primeiro momento da narrativa, é feita uma avaliação prévia da experiência de leitura. Assim, o uso do diálogo construído, nesse caso, teve a ação argumentativa de demonstrar ao interlocutor que esse momento, a ser narrado logo na sequência foi tão interessante que a fez mudar de ideia.

Após essa contextualização da narrativa, o pesquisador pergunta se as cartas são endereçadas à ela ou aos seus familiares e Joana, para responder a pergunta, ilustra com exemplos dos quais lembrou ao ler os registros. Ela explica como esse momento de revisitar o passado foi interessante para ela lembrar de histórias.

Excerto 2 – “Eu comecei a me lembrar de tantas coisas.”

145 Fábio: e joana mas é as cartas são são endereçadas pra você e
 146 pessoas que mandaram pra você
 147 Joana: é
 148 Fábio: ou as cartas são endereçadas pra outras pessoas e você tá
 149 com as cartas?
 150 Joana: [não ... são da
 151 família assim da minha mãe pra pra pra os nossos pros
 152 filhos de mim para minha mãe an:: pro pro meu de de mim
 153 pra pra minha família que por exemplo eu tava em são paulo
 154 e: mandei carta pra: pra minha mãe meu pai meus irmãos
 155 depois tem uma outra carta que eu tô: no rio ou em são
 156 paulo e no rio porque eu fui numa viagem eu fui com meu
 157 irmão outra eu fui com minha irmã outra eu fui de avião
 158 então essas cartas aparecem e aí eu comecei a me lembrar
 159 de várias coisas e tem a tri cartas também de: da da da de
 160 nós pra cidade do interior que era a casa onde meu avô
 161 morava
 162 Fábio: uhum
 163 Joana: ele era: médico lá então tinha: artes ali até coisas que
 164 eu considerei assim bah: que o Lauro vai se lembra Lauro é
 165 o meu irmão né vai se lembrá duma coisa que atrás da igre
 166 da gra atrás da do hospital tinha uma: casinha de: de: uma
 167 santinha assim
 168 Zilá: uma gruta
 169 Joana: é uma gruta né que tinha uma santa eu disse bah eu não me
 170 lembrava disso então assim veio u: uma uma coisa de revi
 171 revivê aquele passado né
 172 Fábio: que tavam lá nas cartas
 173 Joana: é tão lá ((risada)) e eu achei interessante isso né

Nesse excerto, há também a participação da cuidadora Zilá, que, na linha 168, auxilia Joana a nomear a “casinha de santinha” (linhas 166 e 167) como “gruta” (linha 168). Além disso, a participante utiliza em dois momentos o diálogo construído do tipo fala interior para reportar seus pensamentos: nas linhas 164, em “bah: que o Lauro vai se lembra”, e 169, em “bah eu não me lembrava disso”. Pode-se perceber que, nesses casos, com o uso do diálogo construído, ela conseguiu expressar os sentimentos que sentiu ao narrar como foi ler as cartas, mais uma vez argumentando o quão importante o evento narrado foi para si.

É através desses movimentos que Joana vai, ao longo da narrativa, contrapondo o passado distante (quando viveu de fato os eventos descritos nos registros) e o passado recente (quando leu com a cuidadora as cartas) de forma a construir significado para a interação presente com o pesquisador. Assim, ela vai

usando esses exemplos como uma forma de validar o quanto que, apesar de hoje ter uma rotina atarefada (como mencionou no começo da interação) e com limitações por conta da DA, está sempre revisitando o passado, não só relembrando, mas, como bem disse na linha 171, “revi revivê aquele passado”.

A fim de organizar a sua fala, deixando claro que se tratam de dois “passados” diferentes, Joana lança mão do uso dos pronomes demonstrativos: aquele e isso. Quando se refere ao passado das cartas, os eventos lá ocorridos, ela usa “aquele” como em “revivê aquele passado” (linha 171). Já, quando fala sobre a experiência da leitura em si das cartas, o passado recente, ela usa a segunda pessoa dos pronomes demonstrativos. Como exemplo, cita-se “eu achei interessante isso né” (linha 173).

A seguir, o pesquisador pergunta se Joana pretende distribuir as cartas aos seus irmãos, como disse no começo da narrativa. Ela responde de uma maneira mais vaga, primeiro afirmando que vai dar, depois dizendo que vai mostrar. Percebe-se uma hesitação na sua decisão, quando fala “sim isso eu vô vô mas mostra pra eles né” (linha 176) que é justificada logo após quando ela narra que, nesse período antes de seu aniversário, estava se sentindo reflexiva. Nesse momento, Joana faz uma expressão de choro, o que demonstra sua infelicidade em relação aos seus pensamentos durante esse período narrado.

Excerto 3 - "Eu tava pensando muito na minha vida."

174 Fábio: e aí você vai decidir que você vai distribuir entre seus
175 irmãos?
176 Joana: sim isso eu vô vô mas mostra pra eles né e:: é assim como
177 eu tô ãn quer dizer tá um momento na minha interessante né
178 a chegada dos meus setenta anos a: o pren o pre preângulo
179 o ano inteiro anter né no momento antes que eu tava
180 pensando muito na minha vida ... ((expressão de choro)) eu
181 me pensei muito nos meus amigos nas minhas ã: meus amigos
182 minhas a minha família
183 Fábio: uhum

Joana descreve que se sentia tão triste por perceber o quando a DA afetava sua vida.

Excerto 4 – “O que passou na minha vida que eu perdi.”

184 Joana: as pessoas que a gente perdeu né e eu tô muito: ... tocada
 185 por muitas coisas entende assim ó ãn o que passou na minha
 186 vida o que eu perdi que é essa: possibilidade de ler
 187 escrever que é a coisa mais triste pra mim ... e:: ao
 188 mesmo tempo tê esse acervo na casa que é espetacular eu
 189 tenho discos maravilhosos os livros eu tô dando porque é
 190 triste tu tá numa casa que tu tem livros e tu não pode ler
 191 né
 192 Fábio: entendo joana ...
 193 Joana: então é:: isso é: é uma coisa que toca né mas eu não não
 194 tô parando eu tô com a minha cabeça a milhão entende? essa
 195 essa possibilidade de de ver as as ãn ... as cartas de as
 196 lê da zilá me lê foi uma coisa bem interessante bem
 197 engraçada assim também né foi legal e: então isso tudo me
 198 traz de novo a vida que eu tinha entende? na verdade assim

Nesse excerto, identifica-se dois momentos que correspondem aos dois turnos de fala de Joana. No primeiro, entre as linhas 184 e 191, ela fala o quando se sente triste por ter perdido a capacidade da leitura e que, por isso, está dando seus livros uma vez que eles não fazem mais parte das atividades que consegue desenvolver. Mais uma vez, ela contrapõe a Joana antes da doença, que lia e tinha um acervo de discos e livros maravilhosos, com a Joana que não consegue mais ler e que está dando seus pertences. A participante organiza essa contrariedade em sua fala por meio do articulador “e:: ao mesmo tempo” (linhas 188 e 189), de modo a indicar que, apesar de serem simultâneos o fato de ela não conseguir mais ler e escrever e de ela ter um acervo em casa, são elementos contraditórios.

Após a confirmação do pesquisador, que se solidariza à narrativa e colabora para que ela siga contando suas experiências, Joana parte para um segundo movimento (entre as linhas 193 e 198), no qual enfatiza que está nesse período turbulento de se reencontrar identitariamente em: “eu tô com a minha cabeça a milhão entende?”, na linha 194. Nesse momento, a participante retoma a pequena história da leitura das cartas junto com a cuidadora avaliando a experiência como sendo uma coisa “interessante” e “legal”, “engraçada”. Tal avaliação ainda é justificada quando Joana diz que isso lhe “traz de novo a vida que eu tinha” (linha 198). Mais uma vez, contrapondo a vida antes da DA e a vida depois da DA, realmente estabelecendo que são duas vidas diferentes, duas Joanas diferentes. Marcação essa que fica evidente pelo uso do tempo verbal do pretérito imperfeito em “tinha”.

Para expressar seus sentimentos conflituosos, Joana lança mão de mais um uso de discurso construído, porém do tipo “diálogo como instanciação”, conforme é ilustrado no excerto a seguir:

Excerto 5 - "Não sou mais quem eu era"

199 eu sei acho que eu ouvi alguém dizendo eu já disse isso
 200 mas eu vi alguém em novela ou em cla não sou mais quem eu
 201 era eu digo eu não sou mais quem eu era eu sou outra
 202 pessoa tu entende? ã o meu eu o meu eu eu sei quem eu sou
 203 tu entende?
 204 Fábio: uhum
 205 Joana: eu sou os meus sentimentos de infância e de adulta são os
 206 mesmos os cheiros tu entende? tudo eu sei que tem mais ãn:
 207 tem coisas que não tem mais entende? e essas coisas que
 208 não tem mais a gente tem que aceitar

Nesse trecho então, fica clara a avaliação final que a participante faz de sua narrativa, a conclusão que tira ao narrar essa pequena história que recém aconteceu e cujo significado foi construído na própria interação. Para validar seus sentimentos, demonstrar que outras pessoas já se sentiram assim, ela introduz nas linhas 199 e 200 que utilizará uma fala que já ouviu de outra pessoa ou na novela, dizendo “eu sei acho que eu ouvi alguém dizendo eu já disse isso mas eu vi alguém em novela ou em cla”. A fala, por sua vez, é colocada entre as linhas 201 e 202 em “não sou mais quem eu era”. Joana faz três movimentos: primeiramente, mostra que vai usar a fala de outrem cuja origem exata desconhece; em segundo lugar, ela coloca essa fala; e, por fim, ela reformula colocando: “eu digo eu não sou mais quem eu era eu sou outra pessoa”.

Percebe-se esse movimento de particularização de uma fala geral por meio da identificação do protagonismo. Quando diz que não é mais quem era, Joana atribui a fala a um ser desconhecido, colocando “acho que ouvi alguém dizer” (linha 199). Porém, logo após falar, ela já reformula dizendo “eu digo” (linha 201). Ou seja, ela completa o sentido dessa fala mais geral que ouviu, dando uma visão particular de como se sente em relação à sua própria identidade.

Joana conclui em um movimento de síntese, não mais separando a Joana do passado e a do presente, mas unindo-as: “eu sou meus sentimentos de infância e de adulta” (linha 205). Ela assume, diferente dos comentários anteriores, uma posição de aceitação frente às mudanças pelas quais passou.

A partir da análise, pode-se perceber, primeiramente, algo bastante peculiar da fala de Joana que é o constante monitoramento que faz. Em diversos momentos, ela busca confirmação do seu interlocutor para se fazer entender. Assim, quando usa o diálogo construído, ela introduz as falas com verbos como “dizer”, “considerar”, “falar” e “pensar”.

Em consonância com o que propõem De Fina e Georgakopoulou (2012), também foi possível notar uma construção de sentido desenvolvida ao longo do próprio ato de narrar a pequena história. Dentro dessa narrativa, o diálogo construído teve o papel tanto de auxiliar na organização da história, demonstrando pensamentos e ilustrando falas, bem como de argumentação, uma vez que Joana pode validar seus sentimentos e demonstrar como se sentia em meio a esse processo de reconstrução identitária frente à DA.

7 “EU SEMPRE FIQUEI NO INGLÊS”

O segundo dado a ser analisado data do dia vinte e sete de julho de 2018, conforme mencionado no capítulo 4 deste trabalho. Na interação, estavam presentes, na maior parte do tempo, Joana e a pesquisadora. Por um breve momento, também interagiu a cuidadora. Essa foi a primeira vez que a pesquisadora foi visitar a participante, assim, o dado se encontra em um contexto de apresentação entre ambas.

A interação teve uma duração de uma hora e doze minutos. Ao longo desse período, diversos tópicos como carreira, viagens e família emergiram. Entretanto, percebe-se uma ênfase no primeiro. Ao longo de toda a interação, Joana narra sua trajetória como professora e, ainda que essa narrativa seja por vezes suspensa ou intercalada por outras histórias e tópicos discursivos, fica claro seu papel como fio condutor da entrevista. Porém, devido à extensão do dado, optou-se por delimitar a análise apenas à primeira parte da história narrada por Joana, na qual ela conta como foi o início de sua carreira docente, passando por um problema pessoal que teve de enfrentar, até sua aposentadoria da rede estadual.

Como mencionado anteriormente, por ter sido o primeiro encontro entre a participante e a pesquisadora, no início da interação, esta está contando um pouco sobre sua carreira.

Excerto 6 - "Tri puxado"

41	Pesquisadora:	então daí eu dou aula de noite pros alunos da
42		eja educação de jovens e adultos
43	Joana:	[hum::
44	Pesquisadora:	dou aula pra eles de noite e durante o dia eu
45		trabalho na secretaria de educação
46	Joana:	nossa::
47	Pesquisadora:	aham ... tri puxado
48	Joana:	não mas é assim
49	Pesquisadora:	é assim
50	Joana:	eu também fui assim

Nesse excerto, a pesquisadora começa narrando, entre as linhas 41 e 42, sua rotina. Joana, na linha 43, diz “hum::” o que demonstra à interlocutora que está interessada e que a mesma deve seguir sua fala. A descrição se segue nas linhas 44 e 45. Joana, na linha 46, avalia a fala da pesquisadora dizendo, de maneira

alongada, “nossa: :” o que demonstra seu espanto em saber como é a rotina de sua interlocutora.

Porém, após a pesquisadora concordar com o comentário da participante, Joana não mais assume uma postura de espanto, mas de compreensão, afirmando “não mas é assim” (linha 48), o que já dá pistas para que a pesquisadora compreenda que a participante entende como é a realidade de trabalho do professor. Essa postura fica marcada de maneira clara na linha 50, em que Joana diz “eu também fui assim”. Vale ressaltar nessa fala o uso do pronome pessoal reto “eu” que enfatiza seu papel de protagonista na narrativa que está a ser iniciada, bem como o uso do pretérito perfeito, mostrando que essa realidade já está acabada.

Logo a seguir, vendo uma oportunidade de promover a narrativa da participante, a pesquisadora como coparticipante da interação pergunta à Joana como que foi a sua experiência, conforme o excerto a seguir:

Excerto 7 - "Como é que foi?"

51 Pesquisadora: eu imagino como é que foi?
 52 Joana: foi assim comecei a:: ...com o no ã no pru no
 53 gru no ã colégio particular
 54 Pesquisadora: tá
 55 Joana: que eu estudei quando criança tá?
 56 Pesquisadora: [tá
 57 Joana: foi meu ... primeiro ginásio tã tã tã até eu
 58 fui pra faculdade
 59 Pesquisadora: aham
 60 Joana: né aí: eu: ...fiquei trabalhando ã: estudei lá
 61 né me formei formei tudo tudo aí terminei e
 62 ...fiquei ... trabalhando ... depois lá
 63 durante dize dezesseis anos... e de professora
 64 de inglês

É a partir desse momento da interação que começa a narrativa da trajetória profissional de Joana. Já nas linhas 63 e 64, Joana delimita sua atuação docente na disciplina de Inglês. Assim, ao longo da interação, a participante vai narrando suas diferentes experiências em escolas particulares e estaduais, bem como em cursos livres de idioma.

Como dito anteriormente, essa narrativa maior é perpassada por outras menores, porém, ela se mantém do começo ao fim da entrevista. Nessas intercalações, também ficam mescladas as identidades da participante. Por exemplo, no excerto a seguir, ela narra sua relação com o trabalho após se divorciar.

Excerto 8 - "Vou me virar"

60 Joana: né aí: eu: ...fiquei trabalhando ã: estudei lá
 61 né me formei formei tudo tudo aí terminei e
 62 ...fiquei ... trabalhando ... depois lá
 63 durante disse dezesseis anos... e de professora
 64 de inglês
 65 Pesquisadora: tá
 66 Joana: né ... e:: daí eu ã:: então ã: eu perdi perdi
 67 não é não é assim eu me saparei saparei se-pa-
 68 -rei
 69 Pesquisadora: aham
 70 Joana: entendeu? isso também é uma é uma coisa ruim
 71 triste e tal okay que: a mexeu mui mexeu muito
 72 com a minha vida
 73 Pesquisadora: tá
 74 Joana: né mas depois aí aí eu disse assim vou estudar
 75 vou trabalhar vou me virar vou viar vo
 76 ir viajar vou fazer coisas
 77 Pesquisadora: que legal

Mais uma vez, Joana marca sua identidade como professora de inglês, repetindo, nas linhas 63 e 64, “de professora de inglês”. Também fica claro, pela forma como narra brevemente sobre seu divórcio, que esse episódio de sua vida, ainda que tenha sido difícil, não lhe abalou tanto, conforme ilustra seu comentário nas linhas 70 e 71, “uma coisa ruim triste e tal okay”.

Até esse momento, a narrativa segue uma linha esperada. Porém é nas linhas 74 à 76 que ocorre uma virada na narrativa quando Joana diz “vou estudar vou trabalhar vou me virar vou viar vo ir viajar vou fazer minhas coisas”. Segundo explica Moita Lopes (2021), o ponto de virada é o momento em que a narrativa toma um rumo diferente do esperado, no qual as expectativas do ouvinte em relação ao final esperado são alteradas.

Esse trecho também é um caso do uso do diálogo construído do tipo “diálogo como discurso interno”, o qual Tannen (2007) explica como sendo aquele em que o falante reporta seus pensamentos em uma dada narrativa. Apesar de Joana ter usado o verbo “disse” na linha 74, pelo contexto, pode-se inferir que não se tratou de uma fala externalizada e, sim, de um pensamento que, inclusive, pode não ter sido dito de fato no momento em que o evento narrado realmente aconteceu. Assim, Joana se posiciona como uma mulher que não se deixou abalar pela separação, usando o seu trabalho como um meio para se sustentar “vou me virar” (linha 75), e atingir outros horizontes “vo ir viajar vou fazer coisas” (linhas 75 e 76).

Na sequência da interação, Joana narra diferentes episódios menores, por vezes tendo que fazer movimentos de ida e volta no tempo cronológico. Por exemplo, depois de contar que se separou, a participante narra sobre uma viagem que fez à Alemanha acompanhando seu marido. Pode-se perceber, então, que a narrativa maior de sua história de vida não segue uma linearidade fechada, correspondente a ordem em que aconteceram os eventos em sua vida, mas aberta para atingir os seus objetivos interacionais (OCHS; CAPPs, 2001).

Moita Lopes (2021), a partir de Mishler (2002), explica que o que orienta o narrar não é o tempo cronológico, mas o final, as intenções argumentativas que o falante tem ao contar uma história. Ou seja, como Joana pretende traçar um panorama de sua trajetória como docente nesse primeiro contato com a pesquisadora e se construir como uma professora competente e experiente, não se fez necessário seguir uma ordem temporal fechada, de forma que ela faz movimentos de ida e vinda no tempo.

A interação segue com essas pequenas narrativas até que Joana conta como foi seu processo de aposentadoria, conforme o excerto a seguir:

Excerto 9 - "Eu era estudiosa"

317 Joana: então eu tive benéçies maravilhosas
 318 Pesquisadora: sim::
 319 Joana: mas eu era estudio:sa eu ... era comprito:sa
 320 quando eu me lembro quando eu era assim
 321 quando eu fui fui pro pro estado lá pra pra me
 322 me dizer que eu ti que eu podia me aposentar
 323 ela olhou assim a senhora não tem nenhuma::
 324 Pesquisadora: falta?
 325 Joana: [eu disse não nenhum falta a senhora ... limpa
 326 Pesquisadora: no::ssa ((risos))

Nesse momento da narrativa maior, Joana conclui que realmente fez muitas coisas boas quando diz, na linha 317, “então eu tive benéçies maravilhosas”. O marcador discursivo “então” mostra que seria uma conclusão da história. Essa autoanálise de sua experiência recebe ainda a justificativa da participante nas linhas 319 e 320 quando ela se caracteriza como estudiosa e “compritosa”, ainda alongando as sílabas de maneira a dar ainda mais ênfase para o quanto essas características eram relevantes. Percebe-se que, apesar da palavra “compritosa” não existir, pelo contexto em que foi usada, é claro que Joana a usou em

uma relação de sinonímia com a palavra “comprometida”, talvez por uma dificuldade no acesso lexical característico da DA.

Em seguida, a participante faz duas tentativas de começar uma nova narrativa, ambas iniciadas pelo marcador discursivo temporal “quando”: “quando eu me lembro” (linha 320), “quando eu era assim” (linha 320). Esses inícios são suspensos e a narrativa só se inicia na terceira tentativa quando Joana diz “quando eu fui fui pro pro estado lá pra me aposentar”, nas linhas 321 e 322. Percebe-se que há a repetição de vocábulos característica da Doença de Alzheimer. Apesar disso, identifica-se que essa narrativa funciona como uma comprovação das características que ela mesmo se atribuiu nas linhas anteriores.

Na sequência, Joana introduz um diálogo construído por meio da expressão “ela olhou assim”, na linha 323. Como não fica claro a quem pertence essa fala, cabe ao interlocutor compreender pelo contexto como se deu o fato narrado. Assim, infere-se que essa pessoa possa ser uma atendente do local em que a participante foi fazer sua aposentadoria. Conforme a classificação de Tannen (2007) apresentada no capítulo 4 deste trabalho, casos como esse se encaixam no tipo diálogo construído com referentes vagos. A fala em si desse alguém aparece logo a seguir, também na linha 323, quando Joana diz “a senhora não tem nenhuma::”.

Nesse caso, o alongamento de fala na palavra nenhuma sugeriu ao interlocutor que a participante estava com dificuldade no acesso lexical. Assim, a pesquisadora completa essa fala sugerindo, na linha 324, “falta?”. O tom de sugestão fica claro pelo uso da estrutura de pergunta, bastante marcada na fala da pesquisadora. Tannen (2007) explica que, quando um interlocutor que não estava no momento em que aconteceu um fato completa uma fala reportada, o tipo de diálogo construído é o que ocorre é construído pelo ouvinte. Portanto, a mesma fala reportada na linha 323, dependendo do ponto de vista de análise, enquadra-se em mais de uma classificação de Tannen (2007).

No turno de fala seguinte, Joana segue narrando o diálogo reportando, então, a sua resposta à surpresa da atendente ao perceber que não tinha faltas: “eu disse não nenhum falta” (linha 325). Aqui, identifica-se que a fala é da participante por conta do uso do pronome pessoal reto “eu”. Depois, o diálogo se segue com a fala, dessa vez, da atendente “a senhora ... limpa” (linha 325). Nesse caso, o que mostra a troca de turno de fala foi o uso do pronome pessoal de tratamento “senhora”,

mostrando que não era mais Joana quem falava e, sim, a outra pessoa (aqui identificada por inferência como sendo a atendente). Vale ressaltar também nesse trecho a pausa entre *senhora* e *limpa*, que pode ser interpretada aqui como mais um momento em que Joana precisou recuperar qual item lexical se encaixaria naquela narrativa.

A pesquisadora, na linha 326, se mostra surpresa com a narrativa dizendo “no: :sa”. Ainda que tenha sido apenas uma palavra, essa sua reação ao mesmo tempo deu a Joana um retorno sobre o quão interessante e surpreendente foi o evento narrado, bem como que a interlocutora se mostrou “convencida” de que ela era realmente estudiosa e comprometida.

Após essa breve análise, percebeu-se que Joana, mais uma vez, conseguiu superar as dificuldades causadas pela DA, usando o diálogo construído como um recurso linguístico de comprovação de suas características docentes. Ao longo da interação, ela constrói sua identidade como uma professora dedicada e esforçada, se aproximando de sua interlocutora, mas ao mesmo tempo enfatizando o quanto tem mais experiência do que ela. Há uma estrutura ao longo da entrevista em que uma narrativa maior, de toda sua carreira, que fica dividida em pequenas narrativas. Essas, por vezes, funcionam como “comprovantes” das características que Joana se autoatribui.

Outro aspecto relevante que foi identificado na análise foi o quanto o papel da pesquisadora foi crucial na interação. Desde promover a narrativa, até complementar as falas da participante e auxiliar no movimento de acesso lexical. A presença da pesquisadora foi o que moldou os assuntos da entrevista uma vez que Joana usou as características daquela para construir sua identidade como alguém mais experiente na atuação.

Importante destacar também que, em diversos dados, é a identidade docente a mais forte das construídas por Joana. Nessa análise, o padrão se manteve e ficou bem evidente, em especial quando, ao falar de sua identidade como esposa, a participante não ter se atido em maiores detalhes, focando em seu protagonismo em sua vida e a carreira docente como fio condutor de sua vivência.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aumento crescente no número de pessoas acometidas pela DA é uma realidade. Considerando não haver uma cura, nem tratamentos definitivos comprovados, é de suma importância que os estudos se voltem para como esses indivíduos e suas relações com a sociedade são impactadas nos mais diversos âmbitos. Assim, entendendo-se que o mundo social se faz na e pela linguagem, analisar as narrativas de pessoas com a doença permitem compreender como a sociedade lida com essas questões.

Nesse contexto, o primeiro dado analisado demonstra esse processo de transição identitária de Joana. Por meio de uma pequena narrativa (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012), na qual conta como foi a experiência da leitura de cartões postais pouco antes do pesquisador chegar, a participante constrói sua identidade na interação como alguém ainda buscando se situar, compreender quem foi e quem é agora, após o diagnóstico da doença. Ela usa o diálogo construído nessa interação principalmente para explicar sentimentos que teve ao longo desse processo tão difícil e desafiador.

O segundo dado, por sua vez, traz uma narrativa maior formada por várias pequenas, muitas vezes organizadas na interação de maneira não linear (OCHS; CAPPS, 2001). Nele, Joana narra à pesquisadora sua vida profissional. Nesse caso, o diálogo construído foi usado como uma maneira de comprovação das características que ela mesma se atribui. Fica bastante claro também como, dentre todas as identidades que pode assumir, a docente é a mais forte, sendo o fio condutor da história de vida da participante.

Assim, nos dados analisados nesta monografia, foi possível identificar o quanto as narrativas permitem uma compreensão maior do processo de construção identitária da participante. Também se chegou à conclusão de que, apesar das dificuldades, Joana utilizou de recursos linguísticos para se manter ativa nas interações.

Quanto ao foco da análise, o uso diálogo construído, percebeu-se que ela usa esse recurso em ambas as interações como forma de organizar sua fala, reportar pensamentos difíceis de serem explicados ou para fundamentar identidades. Dessa forma, a concepção proposta por Tannen (2007) de que, quando o falante usa a fala de outrem em suas narrativas ele não está simplesmente reportando, mas realizando ações discursivas, fica comprovada. Entretanto, identificou-se um caso, no segundo

dado analisado, em que a classificação proposta pela autora citada anteriormente não foi suficiente.

A partir das análises feitas, pode-se considerar que o presente trabalho atingiu seu objetivo de descrever e analisar, conforme a descrição proposta por Tannen (2007), ocorrências do diálogo construído em interações de uma pessoa com a Doença de Alzheimer. Percebe-se que, nas narrativas analisadas, há indícios da construção identitária da participante por meio do uso de tal recurso linguístico.

Os dados também demonstram que a perspectiva socioconstrucionista de análise das narrativas é coerente com as interações que ocorrem nesse contexto. Assim, identificou-se que é por meio das narrativas que a participante constrói diferentes identidades. Ou seja, ela performa os “personagens”, as versões de si mesma, de acordo com o contexto interacional (GOFFMAN, 2020).

Nas interações, ficou destacado o quanto o interlocutor possui um papel crucial. Nos casos analisados, os pesquisadores tiveram esse posicionamento, estimulado e promovendo as narrativas. Dessa forma, compreende-se que a visão das entrevistas narrativas proposta por Bastos e Santos (2013) como eventos sociais aplicou-se e mostrou-se como tal. Esse fator contribui para a já mencionada discussão sobre a validade, ou não, de tal metodologia em estudos interacionais.

O estudo foi um primeiro mapeamento das possibilidades de análise do uso do diálogo construído nas interações de uma pessoa com a DA. Dessa forma, compreende-se que, por só terem sido analisados dados de uma participante, não é possível ter uma visão geral do fenômeno. Logo, pretende-se, em estudos futuros, ampliar o número de participantes, comparando os dados para investigar, com maior profundidade, como a construção identitária em narrativas ocorre em outros cenários interacionais.

REFERÊNCIAS

ALZHEIMER'S Association Report: 2018 Alzheimer's disease facts and figures. **Alzheimer's & Dementia**, Chicago, v. 14, p. 367-429, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jalz.2018.02.001>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ALZHEIMER'S DISEASE INTERNATIONAL. **World Alzheimer Report 2015: The Global Impact of Dementia**. Londres: AID, 2015. *E-book*. Disponível em: <https://www.alzint.org/u/WorldAlzheimerReport2015.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ATWOOD, Margaret. **O conto de aia**. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BARROS, Alessandra Chiele; LUCATELLI, Juliana Faggion; MALUF, Sharbel Weidner; ANDRADE, Fabiana Michelsen de. Influência genética sobre a doença de Alzheimer de início tardio. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 36, n. 01, p. 16-24, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832009000100003>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BASTOS, Liliana; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **Delta**, São Paulo, v. 31, n. esp., p. 97- 126, ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>. Acesso em: 9 fev. 2021.

BASTOS, Liliana; SANTOS, William Soares dos. Introdução. *In*. BASTOS, Liliana; SANTOS, William Soares dos (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013. p. 7- 18. *E-book*.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUSTODIO, Katuscia de Almeida. **As narrativas orais na doença de Alzheimer: Estratégias de Referenciação na integração**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

DE FINA, Anna De; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. **Analyzing Narrative: Discourse and Sociolinguistic Perspectives**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2012.

EISENHARDT, Kathleen. Building Theories from Case Study Research. **The Academy of Management Review**, Briarcliff Manor, v. 14, n. 4, p. 532- 550, Oct., 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/258557>. Acesso em: 18 ago. 2021.

FLANNERY, Mércia Regina Santana. **Uma introdução à análise linguística da narrativa oral: abordagens e modelos**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FREITAS, Leticia Fonseca Richthofen. Posicionamentos interacionais em pequenas histórias contadas por um universitário migrante: Performances de masculinidade heterossexual. **Fórum linguístico**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 2116- 2127, jun.

2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n2p2116>. Acesso em: 7 abr. 2020.

GAO, Sujuan; BURNEY, Heather; CALLAHAY, Chris; PURNELL, Christianna; HENDRIE, Hugh. Incidence of dementia and Alzheimer's disease over time: a meta-analysis. **The American Geriatric Society**, Indianapolis, v. 67, n. 7, p. 1361- 1369, July 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jgs.16027> . Acesso em: 22 mar. 2021.

GOFFMAN, Erving. A ordem interacional. *In*: FABRÍCIO, Branca Falabella (org.). **Sociolinguística Interacional: Perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos**. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora, 2020. p. 116- 165. *E-book*.

GUMPERZ, John J. Sobre o Método Sociolinguístico Interacional. *In*: FABRÍCIO, Branca Falabella (org.). **Sociolinguística Interacional: Perspectivas inspiradoras e desdobramentos contemporâneos**. Rio de Janeiro: MV Serviços e Editora, 2020. p. 87- 115. *E-book*.

HUFF, F.; CORKIN, S.; GROWDON J. H. Semantic impairment and anomia in Alzheimer's disease. **Brain and Language**. v. 28, n. 2, July 1988, p.235-249. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/0093-934x\(86\)90103-3](https://doi.org/10.1016/0093-934x(86)90103-3). Acesso em: 10 mar. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MC DADE, Eric; BATEMAN, Randall. Stop Alzheimer's Before it Starts. **Nature**, New York, v. 547, p. 153-155, July 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/547153a>. Acesso em: 22 mar. 2021.

MINAMI, Masahiko. Narrative, Cognition, and Socialization. *In*. DE FINA, Ana; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (ed.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Oxford: Wiley Blackwell, 2015. p. 76- 96.

MIRA, Caio César; CUSTODIO, Katiúscia de Almeida. Contribuições da noção de referenciação para análise da narrativa oral no contexto da atrofia cortical posterior. **Revista Investigações**, [online], v. 32, p. 01-23, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2175-294x.2019.240157>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MOITA LOPES, Luís Paulo. Os espaçostempos da narrativa como constructo teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada. **Caderno de Letras**, Pelotas, n. 40, p. 11- 33, maio-ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/cdl.v0i40.21413>. Acesso em: 5 out. 2021.

MORATO, Edwiges Maria. A noção de frame no contexto neurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Caderno de Letras da UFF**, Niterói, n. 41, p. 93-113, 2010.

OCHS, Eleanor; CAPPS, Lisa. **Living Narrative: creating lives in everyday storytelling**. Cambridge: Harvard University Press, 2001.

SANTOS, William Soares dos. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. *In*. BASTOS, Liliana; SANTOS, William Soares dos (org.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013. p. 21-35. *E-book*.

SHUMAN, Amy. Story ownership and entitlement. *In*. DE FINA, Ana; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (ed.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Oxford: Wiley Blackwell, 2015. p. 36- 56.

TANNEN, Deborah. **Talking Voices: Repetition, Dialogue, and Imagery in Conversational Discourse**. New York: Cambridge University Press, 2007.

WORTHAM, Staton; RHODES, Katherine R. Narratives across speech events. *In*. DE FINA, Ana; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (ed.). **The Handbook of Narrative Analysis**. Oxford: Wiley Blackwell, 2015. p. 160- 177.

YIN, Robert K. **Case Study Research: Designs and Methods**. Thousand Oaks: Sage, 2009.

ZIDAN, Melissa et al. Alterações motoras e funcionais em diferentes estágios da Doença de Alzheimer. **Revista de Psiquiatria Clínica**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 39, p. 161-165. set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-60832012000500003>. Acesso em: 24 mar. 2021.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Nome da pesquisa: “**O tópic discursivo e o contexto interativo na análise de interações de um Grupo de Apoio aos familiares cuidadores de indivíduos portadores de Doença de Alzheimer**”

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar de um estudo sobre a conversação no convívio com a Doença de Alzheimer. O estudo está sendo conduzido pelo Prof. Dr. Caio Mira do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos. Nesta pesquisa, meu interesse é analisar situações de conversação envolvendo uma pessoa acometida pela Doença de Alzheimer e os depoimentos de seus familiares e cuidadores.

A participação no projeto requer gravações de imagens. Os riscos existem, são mínimos, à sua participação nesta pesquisa. Sua participação, no entanto, irá contribuir para o conhecimento relacionado ao uso da linguagem por pessoas portadores de Alzheimer e também para a compreensão de experiência de familiares e cuidadores com essa realidade.

As informações que obtivermos serão rigorosamente confidenciais. Seu nome real será substituído por outro em qualquer apresentação ou publicação baseada nesse estudo. Nas gravações, as imagens dos rostos dos participantes serão desfocadas para assegurar seu anonimato e, principalmente, a confidencialidade dos dados. Como haverá gravações em áudio e vídeo, você tem todo o direito de revisar as transcrições e excluir parcial ou totalmente a gravação, se assim o desejar. Ao concordar em participar do estudo, você autorizará o uso de sua imagem para fins acadêmicos. Sua participação no estudo é totalmente voluntária. Você pode se recusar a participar ou pode se retirar, a qualquer momento, sem qualquer penalidade.

Se você decidir participar, por favor, assine este documento, por meio do qual você concorda com as gravações em áudio e vídeo, assegura o direito de dar sua opinião, de fazer perguntas no decorrer do estudo, além das demais garantias decorrentes desta participação já mencionadas.

Este termo será assinado em duas vias ficando uma em seu poder e a outra com o pesquisador responsável. Agradeço por sua colaboração e interesse no projeto.

Atenciosamente,

.....
Prof. Dr. Caio Mira
Pesquisador Responsável

Nome do (a) participante:

Nome do(a) responsável pela participante:

Assinatura da responsável pela participante:

ANEXO 2 – CONVENÇÕES DA TRANSCRIÇÃO

...	Pausa
:	Fala alongada
—	Ênfase
()	Sugestão do transcritor
(SI)	Segmento incompreensível
[Sobreposição de fala
(())	Comentário do transcritor
° °	Volume mais baixo
?	Pergunta

Adaptado pelo grupo NIL de Marchuschi (1986).